



**THAÍS DE OLIVEIRA**

**ANÁLISE DO DISCURSO DA SEXUALIDADE FEMININA**

**LAVRAS – MG**

**2020**

**THAÍS DE OLIVEIRA**

**ANÁLISE DO DISCURSO DA SEXUALIDADE FEMININA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Letras Português/Inglês e suas Literaturas, para a obtenção do título de Licenciada.

Prof. Dr. Márcio Rogério De Oliveira Cano

Orientador

**LAVRAS – MG**

**2020**

## RESUMO

A Análise do Discurso tem como principal objetivo as questões de linguagem nas diferentes práticas discursivas da sociedade. Tal área vem sendo aplicada e desenvolvida pelo grupo de pesquisas GPLPD (Grupo de Pesquisa Leitura e Produção de Discursos), e a presente pesquisa se desenvolve no interior desses trabalhos. Partindo do pressuposto de que a revolução sexual é uma revolução feminina, o objetivo deste trabalho é analisar o discurso de mulheres que questionam as representações marcadas por uma sociedade que mantém uma estrutura predominantemente patriarcal, posicionando a mulher em relação de submissão ao homem. A pesquisa surgiu a partir de percepções vindas do questionamento da mulher relacionado a sexualidade. E ao questionar a sexualidade, a mulher acaba provocando um momento de mudança e transformação, isso foi sendo percebido em vários discursos. Assim, decidimos nos debruçar sobre os recortes de entrevistas da série documental *Amor e Sexo Pelo Mundo*, onde mulheres de várias partes do mundo compartilhavam sobre suas experiências no campo do amor e do sexo. Para tanto, escolhemos para o referencial teórico os discursos de Maiguenau sobre sujeito/posicionamento e interdiscurso, e de Foucault sobre a questão da sexualidade. Como conclusão, foi possível observar que a mulher em todo o percurso histórico, foi silenciada por pertencer ao gênero feminino. E as relações interdiscursivas apresentadas nos recortes, constroem um sujeito que questiona as regras ligadas aos valores morais que oprimem a mulher.

**Palavras-chave:** Sexualidade Feminina. Feminismo. Sujeito. Interdiscurso.

## ABSTRACT

The Discourse Analysis has main objective the questions of the language in the different discursive practices of society. Such area comes been applied and developed by the researches group GPLPD (Research Group Reading and Discourses Production), and the present research develops inside these works. Based on the assumption that the sexual revolution is a female revolution, the aim of this work is to analyze the discourse of women who question the representations marked by a society that maintains a predominantly patriarchal structure, positioning the woman in a relationship of submission to man. The research arose from perceptions coming from the questioning of woman related to sexuality. And when questioning sexuality, the woman ends up tauting a moment of change and transformation, this was being perceived in several speeches. So, we decided to look at the interview clippings from the documentary series Amor e Sexo Pelo Mundo, where women from various parts of the world shared about their experiences in the field of love and sex. For this, we chose for theoretical framework Maigueneau's speeches on subject/positioning and interdiscourse, and Foucault's on the issue of sexuality. As a conclusion, it was possible to observe that women throughout the historical path were silenced because they belong to the female gender. And the interdiscursive relationships presented in the clippings, build a subject who questions the rules related to the moral values that oppress women.

**Keywords:** Female Sexuality. Feminism. Subject. Interdiscourse.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>INTERDISCURSO.....</b>	<b>7</b>
<b>3</b>	<b>DISCURSO DA SEXUALIDADE .....</b>	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>DISCURSO FEMINISTA .....</b>	<b>14</b>
<b>4.1</b>	<b>CONQUISTAS FEMININAS .....</b>	<b>22</b>
<b>5</b>	<b>SUJEITO E POSICIONAMENTO .....</b>	<b>26</b>
<b>6</b>	<b>METODOLOGIA DE ANÁLISE.....</b>	<b>28</b>
<b>7</b>	<b>EMBATES FEMININOS NO DOCUMENTÁRIO .....</b>	<b>30</b>
<b>7.1</b>	<b>Discurso da Família.....</b>	<b>30</b>
<b>7.2</b>	<b>Discurso Machista .....</b>	<b>34</b>
<b>7.3</b>	<b>Discurso Feminista .....</b>	<b>36</b>
<b>7.4</b>	<b>Discurso da Violência.....</b>	<b>40</b>
<b>7.5</b>	<b>Discurso Religioso .....</b>	<b>43</b>
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, mulheres foram deixadas de lado em vários aspectos da sociedade e de lugares onde majoritariamente, homens comandavam e eram líderes. Durante muito tempo, foram atribuídas às mulheres atividades estritamente privadas, como o cuidado com o lar, com os filhos e, principalmente, com o marido. Uma das esferas onde a mulher não poderia de forma alguma ter qualquer tipo de representatividade era o campo da sexualidade, e isso gerou um esvaziamento da sexualidade nas mulheres, pois eram vistas pela sociedade como esposa e mãe, e não como mulher que também possui sexualidade. O feminismo trabalha justamente nessa questão, provoca a emancipação feminina e atua na sexualidade das mulheres, com o objetivo de promover uma maior autonomia, fazendo com que as mulheres tenham consciência e poder sobre seus corpos e que entendam que precisam atuar em espaços diferentes, além daqueles que foram designados à elas.

Como será visto no decorrer desta pesquisa, todo movimento que muda a relação de gênero e sexualidade é um movimento feminista, ou movimento da mulher, logo, entende-se que a revolução sexual é uma revolução causada por mulheres. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o discurso de mulheres que questionam a estrutura patriarcal da sociedade, uma vez que essa estrutura coloca a mulher em posição de desigualdade em relação ao homem.

Dito isso, o presente trabalho aprofunda a questão da sexualidade feminina, desde tempos mais remotos até a atualidade. Para tanto, foi feito um percurso histórico, no sentido de mostrar que a situação atual da mulher na sociedade se deve ao fato do gênero feminino ter sido colocado em desvantagem ao gênero masculino em vários aspectos, e isso fez com que o espaço da mulher como ser ativo na sociedade fosse reduzido.

Levando em consideração a cultura e tradição ocidental, foi descrito no presente trabalho o quanto essa influência ditou comportamentos, principalmente relacionados à sexualidade feminina. Criou-se essa imagem de mulher pura e virtuosa que veio da era vitoriana e, foi imposto que por conta dessa imagem ‘pura e casta’, as mulheres precisavam da proteção masculina. Não podiam demonstrar desejos sexuais, caso contrário, seriam consideradas como mulheres sem virtude, indignas de respeito. Assim, pode-se afirmar que a dificuldade das mulheres frente sua liberdade sexual, teve muita influência da sociedade patriarcal, que oprimiu as mulheres e definiu lugares, incentivando essa desigualdade de gênero. Feito esse percurso histórico, para a análise de resultados foi realizada uma pesquisa, a partir do documentário Amor e Sexo Pelo Mundo, cujo foco é a questão do amor e do sexo para as mulheres em diversas partes do mundo. Foram selecionados recortes de entrevistas dessas mulheres e, esses recortes

foram analisados com base nos conceitos de interdiscurso, sujeito/posicionamento, para que assim, fosse possível associar o discurso feminista/machista dessas mulheres aos conceitos da Análise do Discurso, haja vista que para a AD, nenhum discurso é vazio, ele sempre vem carregado de influências e discursos de outras pessoas, de outros tempos.

Como resultado, observou-se que a situação atual das mulheres na sociedade se deve ao fato de que elas foram sempre colocadas em uma posição abaixo dos homens, fato esse que colaborou para que essas diferenças de gênero se perpetuassem até os dias atuais.

Contudo, como foi visto na presente pesquisa, também houve conquistas femininas e no trabalho fica claro que essas conquistas foram causadas por mulheres que, por meio do rompimento que o feminismo ocasiona, saíram de um espaço reduzido e foram em busca de melhores condições para lutar por seus direitos, incentivando revoluções em várias partes do mundo.

## 2 INTERDISCURSO

O conceito de interdiscurso diz respeito à relação existente entre vários discursos. Um discurso carrega em sua formação outros discursos, e é constituído por eles, ou seja, por aqueles discursos já ditos, em um dado lugar e momento histórico. Isso significa que os discursos nunca são fechados em si mesmos, logo, não possuem uma fonte única do dizer.

Ao nos comunicarmos, nossa fala é cruzada por outras vozes, por outros dizeres. Portanto, independente do que se diz, tal interação está localizada em determinada rede interdiscursiva, sendo assim, passa por várias sequências dialógicas, repletas de valores, crenças e sentidos. Segundo Cano (2012, p. 22), “o objeto da AD é o *interdiscurso*, portanto é necessário entender o que é o discurso”. Dito isso e com base nos estudos da *análise do discurso* (a partir de agora, denominaremos como AD), sabemos que estudar o discurso não se reduz apenas aos estudos da fala por um viés exclusivamente linguístico. Na realidade, as pesquisas da AD são mais aprofundadas e pautadas na produção desses discursos, revelam posicionamentos, modos de agir e pensar que os enunciadores possuem. E é justamente aí que entra o *interdiscurso*, que é o lugar onde esses discursos se produzem, revelando tais posicionamentos e lugares sociais de quem os produz. Para Cano (2012, p. 25), “[...] pensar a complexidade da heterogeneidade constitutiva do discurso é pensar na heterogeneidade das identidades, do *ethos discursivo*, dos *coenunciadores*, das cenas enunciativas etc”, logo, entende-se que o discurso é apenas a ponta de um iceberg e para compreendermos melhor sua estrutura, devemos nos dedicar ao estudo profundo do lugar onde eles se constituem, ou seja, do *interdiscurso*.

Em *Gênese dos Discursos*, Maingueneau (2008) aborda essa relação entre os discursos e como eles estão intimamente ligados uns aos outros. O interdiscurso é conceituado pelo autor como um conjunto de discursos que mantém uma relação discursiva entre si, tripartido em: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Como universo discursivo compreende-se o conjunto composto de formações discursivas que interagem em determinada situação. Embora finito, é irrepresentável e não pode ser apreendido em sua globalidade, haja vista que é nele onde se encontram todos os discursos que existem no mundo e por isso, não é de muito interesse para os analistas, visto que uma análise mais aprofundada nessa área é impossível. Campo discursivo é o conjunto de formações discursivas em concorrência que se delimitam numa região do universo discursivo e são caracterizados geralmente como campo discursivo religioso, político, literário, etc., é em seu interior que o discurso se constitui.

Como *campo discursivo*, podemos lembrar o *discurso jornalístico* em que há *gêneros* circulantes, papéis sociais definidos e assumidos. Nesse caso, o campo coincide com uma *formação discursiva*. No entanto, fica claro que dentro de um *campo discursivo* como o jornalístico, várias formações discursivas concorrem para sua constituição, como o discurso político, esportivo, científico etc. (CANO, 2012, p. 52).

Como visto anteriormente, geralmente é dentro de um campo discursivo que se constituem as formações discursivas, e para que isso ocorra, é necessário que os discursos possuam uma mesma função social, permitindo essa construção. Contudo, nem sempre uma formação discursiva pertence a determinado campo discursivo, haja vista que existem aqueles discursos que estão à margem da sociedade – são os discursos definidos como *atópicos* – ou seja, eles existem, porém, não possuem um lugar de fala legitimado, com isso, não podem pertencer a um campo discursivo qualquer, já que não poderiam ser assumidos em sua forma verdadeira. Essas formações discursivas, por sua natureza marginalizada, podem se instituir apenas nos *discursos tópicos*, que possuem lugares de fala socialmente legitimados.

Segundo Maingueneau (2010, apud CANO, 2012, p. 63), “o contraste entre *atopia* e *paratopia* é interessante. Os discursos ‘*paratópicos*’ participam da sociedade (existem igrejas, faculdades de letras, laboratórios...), mas eles só fazem porque se colocam além dessa sociedade, porque possuem uma fronteira com o indizível e o Absoluto, porque seus locutores de maior prestígio são movidos por alguma força transcendente”.

Sobre esse ponto, observa-se pelo caráter discriminado de um discurso tido como atópico, que o mesmo pode existir fora de um campo discursivo, pois ele penetra na marginalidade dos discursos tópicos e paratópicos. Contudo, um campo discursivo não pode existir sem suas formações discursivas, pois são elas que se constituem nesses lugares legitimados, possibilitando a formação desses campos discursivos.

[...] como o termo *formação discursiva* é muito marcado e nem sempre coincide com campos discursivos, optamos pelo uso da noção de *discurso atópico*, por se tratar de uma noção que se refere especificamente àqueles discursos que não se instituem como um campo discursivo. Para aqueles discursos que se constituem como campo, utilizaremos *discurso tópico*. (CANO, 2012, p. 54).

Por fim, o espaço discursivo é o subconjunto do campo discursivo que liga no mínimo duas formações discursivas que se relacionam e são importantes para a compreensão dos discursos em questão, é organizado pelo analista. Ali é onde se dá a relação Eu X Outro, visto que esse é o local onde Eu e Outro se constituem. É necessário que as formações discursivas

postas em concorrência estejam em uma relação de coesão, para que o analista seja capaz de analisa-las e definir seu lugar social.

Segundo Maingueneau (1997, apud CANO, 2012, p. 27), “o ‘*espaço discursivo*’, enfim, delimita um subconjunto do *campo discursivo*, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados”.

O artigo nos mostra que existem duas maneiras do Outro se fazer presente no discurso, que são definidas como: heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, tais instâncias possuem características próprias. Acerca da primeira heterogeneidade, pode-se entender que faz relação a tudo aquilo que é representado em um discurso, ou seja, possui marcas do sujeito falante, como citações e palavras entre aspas em determinado discurso, o que torna possível enxergar no locutor a voz do Outro. Não se esconde o verdadeiro produtor de determinada fala, pelo contrário, o locutor introduz o Outro em seu próprio discurso fazendo uso de marcas discursivas que explicitam tal presença. Em contrapartida, a heterogeneidade constitutiva não possui marcas discursivas, ou seja, a presença do Outro em determinado discurso não é explícita como no caso anterior. Essa presença está ali, pois leva-se em conta que para a AD, todo discurso provém de outros discursos e faz sempre uso de outras vozes para se constituir, porém, no caso da heterogeneidade constitutiva, tais vozes não possuem marcas e não se mostram linguisticamente.

Com isso, entende-se que o primado do interdiscurso revela a organização de um sistema, cuja definição de uma rede semântica localizada na individualidade de um discurso corresponde com a definição das relações desse discurso com seu Outro, que se encontra sempre na origem de um mesmo Eu. A oposição gerada entre um Eu e seu Outro é o requisito para a existência de uma formação discursiva. Para Maingueneau (2008), o Outro ocupa o mesmo lugar do Eu, e este é o princípio do conceito de heterogeneidade constitutiva indicado no texto.

Tendo por base a definição de interdiscurso e suas ramificações, o próximo item trata do *discurso da sexualidade* e será pautado na obra de Foucault – *História da Sexualidade, a Vontade de Saber* – onde o autor nos mostra como se dá esse discurso a partir do século XVI. Também será utilizada uma entrevista da escritora Mary Del Priore exibida no programa *Café Filosófico* da TV Cultura, onde a também historiadora, destrincha a história e evolução da sexualidade, desde o século XVI até os dias atuais (FILOSÓFICO, 2016).

### 3 DISCURSO DA SEXUALIDADE

Como já dito anteriormente, nesse item será abordado o discurso da sexualidade usando como base a obra de Foucault (2018) mencionada acima. A obra referida pode ser considerada uma introdução sobre o tema, cujo objetivo principal é servir de base para a compreensão da história da sexualidade. O autor começa sua exposição sobre a imagem da moral vitoriana, onde a sexualidade era contida e a própria família incentivava esse silêncio ao sexo. Foucault (2018, p. 7) nos diz que

A sexualidade é então encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo.

Dito isso, será feita uma revisão de literatura a respeito do discurso da sexualidade e como se desenvolveu tal processo, começando pelo século XVI, período em que o discurso sobre o sexo, ou seja, a maneira como se falava dele, era mais liberal e não existiam regras que definissem uma forma mais adequada para se falar sobre esse assunto. Inclusive os tidos como desvios sexuais como incesto, homossexualidade, entre outros, não eram definidos como atos de perversão. Esse modo de olhar mudou com o avanço da medicina, bem como com a intromissão da igreja nesse discurso da sexualidade. A própria medicina se encarregou de criar um espaço próprio para esses desvios sexuais em uma área restrita para doenças, isso sob a influência religiosa, que passou a disseminar o sexo como pecado e apenas para reprodução humana.

Inicialmente, o autor indica que existiu uma hipótese repressiva desde a época clássica, que seria “o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade” (FOUCAULT, 2018, p. 9), que se impõe por meio de outros discursos, como o da psicanálise. Essa hipótese repressiva logo acaba sendo recusada, a partir do momento em que o autor começa a contestar as afirmações feitas anteriormente, através de indagações que questionam se a hipótese repressiva seria historicamente tão evidente; se a mecânica do poder seria de fato repressiva; e por último, se o discurso crítico direcionado à repressão seria influenciado por um mecanismo de poder, acabando por fazer parte daquilo que condena. Foucault nos expõe a esse questionamento com o objetivo de entendermos melhor o discurso sobre o sexo que se iniciou no século XVI, por quais entidades esses discursos eram produzidos, assim como os efeitos de poder que esses discursos tinham sobre as pessoas.

O autor nega que houve uma interdição e afirma que as proibições defendidas pela igreja e pela medicina, surgiram mais como uma forma de poder e vontade de saber, de incentivar os discursos sobre o sexo, para que fosse possível adentrar as famílias, controlando essas instâncias.

Com isso, Foucault defende que houve uma multiplicação dos discursos sobre o sexo a partir do século XVI através da diversidade das práticas sexuais, o que não se tratava de uma descoberta, mas sim, do estabelecimento dessa diversidade sexual por meio de um discurso sexual científico, que por si só já detém certa autoridade. Assim, entendemos que os discursos da sexualidade não têm como objetivo reprimir o sexo, eles estão ali para explorar e controlar a vida das pessoas, por meio desses discursos. Aí que entram os hábitos cristãos, no caso a confissão. É possível perceber que esse controle se inicia pela confissão cristã e com o passar dos anos evolui, se adaptando às formas científicas da psicanálise, que é na realidade outro modo de confissão.

Para falar sobre esses hábitos cristãos, foi utilizada a entrevista mencionada no item anterior. Entende-se que esses hábitos se iniciaram com o *Concílio de Trento* (1545-1563), momento muito importante em que houve uma definição de comportamentos sexuais, haja vista que foi durante a reforma no catolicismo que a igreja católica consagrou o matrimônio como uma forma de controle social por meio da união de famílias consideradas iguais tanto socialmente quanto financeiramente, garantindo assim, que os recursos gerados por essas uniões chegassem até ela. O controle da igreja adentrava as famílias constituídas através do casamento, impondo seus valores e crenças, ou seja, como a igreja já possuía ali um lugar de fala legitimado por sua própria posição de autoridade reguladora, ficava mais fácil para ela ter voz na intimidade dos casais. Com isso, a igreja incentivava seus fiéis a manterem suas intimidades apenas com o intuito de procriar e quem fugisse disso estaria praticando o pecado da carne. Mas essas regras se aplicavam apenas nas relações matrimoniais, lugar em que o papel da mulher é extremamente definido como o de responsável pelo bem estar do marido, e na intimidade, seu papel é restrito apenas como meio para a procriação, sendo impedida de sentir prazer nas relações conjugais. Contrário dos homens, os quais eram permitidos farras e divertimentos em lugares definidos para essa finalidade. Das mulheres, era esperado que fossem puras, visto que era a igreja que moldava esse comportamento.

Esse controle se deu até o início do século XIX, momento em que entra a medicina e o controle passa a ser gerido por ela, que toma posse do discurso da igreja sobre o sexo e passa a determinar o que é ruim ou bom para os casais, se baseando em pesquisas médicas. O discurso da medicina instaura um tipo de tratado, no qual determina um conjunto de regras do que pode

ou não ser feito, além de condenar comportamentos tidos como anormais, ou seja, tudo aquilo que se encontrava fora dos padrões elaborados pela própria medicina. Por sua função de mecanismo regulador, a medicina acaba associando a família feliz à família saudável, que era aquela família que possuía filhos e toda uma estrutura predeterminada socialmente.

A política também fez parte desse controle através de seu lugar de fala, que é um lugar legitimado e aceito, onde se ditam leis, regras e como as pessoas devem agir para o bom andamento da sociedade. Foi no governo do presidente Getúlio Vargas que se iniciou uma maior vigilância da educação sexual dos jovens, com os chamados manuais de educação sexual. Aqui, mais uma vez é notável como o discurso da sexualidade era firmado como algo diferente para ambos sexos, levando em consideração que os manuais não eram iguais para homens e mulheres, deixando claro que essas diferenças ainda não haviam sido superadas. Além do fato de terem imposto à sociedade regras diferentes, assim como a igreja e a medicina, a política também adentrou na intimidade das pessoas, definindo o que era aceitável e o que era proibido.

Retomando Foucault, podemos ver que o autor introduz a ideia da sexualidade como forma de poder, e se apoia em uma análise pautada em três linhas, que são elas: o avanço da confissão cristã, a reprodução de discursos da sexualidade e, a criação do biopoder, através do discurso sobre proliferação e reforço da espécie. A confissão, de acordo com Foucault, é como se fosse um incentivo, pois é através dessa prática religiosa que a autoridade de quem ouve se intensifica, visto que além de ouvir e julgar, essa autoridade já se torna capaz de construir uma verdade, partindo do discurso de quem se confessa. Sobre a confissão, para Foucault (2018, p. 76-77)

[...] emigrou para a pedagogia, para as relações entre adultos e crianças, para as relações familiares, a medicina e a psiquiatria. Em todo caso, há quase cento e cinquenta anos, um complexo dispositivo foi instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo: um dispositivo que abarca amplamente a história, pois vincula a velha injunção da confissão aos médicos da escuta clínica. E, através desse dispositivo, pôde aparecer algo como a ‘sexualidade’ enquanto verdade do sexo e de seus prazeres.

Ou seja, através do exposto podemos ver que a sexualidade é o fruto de uma *scientia sexualis*, que são as confissões da igreja que se estendem até os consultórios médicos. Portanto, a sexualidade se tornou possível através desse discurso sobre o sexo que se embrenhava entre as famílias, por meio dos discursos religiosos e médicos. O foco dessa *scientia sexualis* são os discursos sobre os corpos, um maior entendimento sobre o sexo e com isso, o controle através do discurso.

Logo, entende-se que a sexualidade é um recurso que advém do discurso que busca saber e controlar o sexo, contudo, sem repreendê-lo, com o objetivo de reunir informações para decidir em qual lugar o sexo deve ser colocado e como as pessoas devem se comportar perante o sexo, o discurso sobre o sexo, o saber sobre o sexo. Então, seguindo a linha teórica do poder dos discursos, a sexualidade encontra-se na área do discurso social que trata do comportamento, bem como das escolhas e dos desejos do homem relacionados ao sexo – e do saber sobre o mesmo.

Assim, daremos continuidade no próximo item com o *discurso feminista*, haja vista que os dois assuntos se encontram intimamente ligados. Para isso, foi usado como base duas obras de grande importância para o tema: o livro organizado pela historiadora Mary Del Priore – *História das Mulheres no Brasil* – obra essa que reúne vários artigos de diferentes pesquisadores, com o intuito de esclarecer como se desenvolveu o processo de evolução das mulheres em vários aspectos. Também será usado como respaldo a tese de doutorado da autora Pauline Freire Pimenta, onde ela refaz o percurso histórico do feminismo, que é o ponto central de nossos estudos.

## 4 DISCURSO FEMINISTA

Para falar sobre o discurso feminista, é necessário ter em mente que é o passado que nos permite uma maior compreensão da nossa sociedade atual, visto que ainda hoje, é notável a misoginia e os comportamentos preconceituosos que muitas mulheres no mundo todo sofrem em diferentes situações do cotidiano. A presente pesquisa visa mostrar como se dá o discurso feminista e como acontece a representação da mulher em diferentes tempos e sociedades, para que com isso possamos ter uma melhor visão dessa representação.

Diante de nossos objetivos, cujo foco principal é discutir o movimento sexual como movimento feminista, é importante tratarmos do próprio discurso feminista e como esse discurso vem sendo constituído, e também como a mulher vem sendo representada. Para podermos conhecer um pouco mais sobre esse tema, vamos retomar a mulher de uma outra sociedade, que é a sociedade indígena (Tupinambá), e como ela era vista pelos europeus. Mas, devemos nos atentar que esse relato, bem como as impressões descritas são, exclusivamente, advindas do olhar europeu. Para a comunidade Tupinambá, seus costumes eram normais, de acordo com sua natureza. Segundo Raminelli

Quando as mulheres engravidavam em uma relação extraconjugal, a criança era enterrada viva e a *adúltera*, trucidada ou abandonada nas mãos dos rapazes. Em compensação, o marido não se vingava do homem que havia mantido relações sexuais com sua esposa, para não ganhar a inimizade de todos os parentes do outro, o que causaria um rompimento e, possivelmente, daria origem a uma guerra perpétua. (RAMINELLI, 2004, p. 16-17).

Com isso, como já pudemos ver no item anterior, a sexualidade e as punições relacionadas à sua prática fora das regras impostas, são sempre diferentes para homens e mulheres. Ao homem é concedida uma maior liberdade para praticar seus instintos. Já para as mulheres, parece que sempre existiu um certo pudor, como se fisiologicamente falando não fossem todos iguais. O que é possível de se ver é que moralmente falando, por terem sexos diferentes, também precisam manter posturas diferentes, predeterminadas pela sociedade desde o início dos tempos.

Outra característica das tribos indígenas seria a importância dada aos membros homens e mulheres de acordo com a idade. Desde muito cedo, ainda na infância, as atividades distribuídas entre eles eram basicamente: o cuidado da casa, da alimentação, da roça, delegado às mulheres. Enquanto os homens eram destinados à caça, pesca e existia grande importância em tudo o que faziam. Embora tenha sido uma hierarquia criada há tantos anos, ainda hoje

podemos ver resquícios da importância dada ao sexo masculino em várias áreas, como no trabalho mesmo. É muito comum vermos homens e mulheres desempenhando funções igualmente importantes, mas com salários e reconhecimento tão distintos entre si.

O autor também discorre sobre como ocorria o período de gravidez das índias e também o resguardo. As mulheres grávidas continuavam com suas atividades e tinham o direito de pararem apenas para terem o bebê, em seguida continuavam com suas tarefas domésticas normalmente. O período do resguardo era, na verdade, dos homens, os quais eram tratados como se eles próprios tivessem dado à luz, com direito a repouso, visitas e cumprimentos. Por fim, o autor também fala sobre uma forte misoginia que era explícita. O que se via era que os homens com o passar dos anos e com toda a experiência, eram venerados e respeitados, servindo de exemplo a todos da tribo. Já com as mulheres era diferente, quando começavam a envelhecer eram simplesmente descartadas. De acordo com o frei Yves d'Evreux (apud RAMINELLI, 2004, p. 20) “as velhas índias reuniam em si a decadência corporal e espiritual da humanidade. Entre as mulheres, o tempo não provocava o aprimoramento do espírito, mas a sua degradação”. Destaca ainda que quando as mulheres iniciam na puberdade, se entregam aos desejos carnis e se tornam verdadeiras armadilhas, enquanto os homens fazem seu trabalho, sem se preocuparem com essas tentações. Para ele, a sexualidade estava reservada às mulheres, já os homens, são focados no trabalho.

Assim, podemos entender que as mulheres índias eram consideradas pelos europeus como as filhas de Eva, o que não era um elogio. Isso significava que as mulheres, tanto as índias como até mesmo as europeias, reuniam em si mesmas os piores predicados, visto que de acordo com algumas religiões, Eva foi quem levou Adão ao pecado original, dando origem a todos os outros.

A narrativa do frei Yves d'Evreux muito se aproxima do Gênesis, sobretudo quando ele aborda a conduta de Eva e o advento do pecado original. Adão obedecia aos preceitos divinos e não tocava no fruto proibido. Logo após a sua criação, Eva não se conteve, comeu da fruta e ainda a ofereceu ao companheiro. Desde então, a raça humana sofre os castigos divinos, originados do desatino de uma mulher. (RAMINELLI, 2004, p. 20).

Em outro momento, pensemos no século XIX e de que maneira a cultura europeia influenciou os movimentos sociais voltados para a mulher. Segundo Telles (2004), o século XIX foi o século do romance, e mesmo tendo sido uma época em que a mulher era inferiorizada pelo homem, foi nessa mesma época em que seus escritos começaram a aparecer. As mulheres da época encontravam no ato de escrever, um meio para se envolver e se fazer presente na rotina

da sociedade daquela época, seja romances, poemas ou até mesmo em jornais. Mas não era algo fácil de fazer, visto que a luta por um lugar, era uma luta que tinha que acontecer todo dia, um dia por vez. Como eram excluídas da cultura e de seu processo, as mulheres estavam sujeitas à autoridade masculina. Segundo a autora

O século XIX não via com bons olhos mulheres envolvidas em ações políticas, revoltas e guerras. As interpretações literárias das ações das mulheres armadas, em geral, denunciam a incapacidade feminina para a luta, física ou mental, donde concluem que as mulheres são incapazes para a política, ou que esse tipo de ideia é apenas diversão passageira de meninas teimosas que querem sobressair. (TELLES, 2004, p. 340).

O que se percebe é que para as mulheres, foi um processo difícil, visto que esse direito foi conquistado depois de muitos esforços. Naquela época as mulheres eram ensinadas desde muito novas a serem femininas, ou seja, houve uma construção daquela personagem, que era moldada de acordo com o que era aceitável se esperar de uma mulher. Não era normal ver mulheres estudadas como homens. E isso era intencional, pois o objetivo era que as mulheres se tornassem esposas e mães perfeitas, donas de casa que soubessem lavar, passar, cozinhar, manter tudo em ordem para o bem estar do marido. Se fosse permitido as mulheres o mesmo nível de estudo que os homens tinham, não teria ninguém para cuidar da casa e dar filhos ao homem. As mulheres de classes mais altas até tinham a permissão para frequentar escolas. Contudo, esses estudos não poderiam ir muito longe e tinham como objetivo fazer com que a mulher se tornasse uma ‘esposa mais qualificada’. Esse cenário foi sendo alterado com o tempo, por meio de mulheres que tiveram a coragem de sair dos padrões, muitas delas através da escrita.

No Brasil do século XIX, por conta desse despertar das mulheres pela escrita, vários jornais foram sendo abertos por mulheres com o intuito de produzir uma escrita voltada para o público feminino, algumas vezes até com reivindicações muito objetivas. A partir daí, o cenário da época foi se transformando, haja vista que mais e mais mulheres foram adquirindo essa nova maneira de pensar, e através de matérias em jornais e revistas voltadas ao público feminino, esse novo pensamento mais autônomo promoveu mudanças consideráveis e muito importantes para esse processo de libertação das mulheres. Nesses artigos era comum ver campanhas pela educação da mulher, enaltecendo as mulheres dentro do espaço interno e externo. Outra questão que começava a ser debatida estava relacionada ao voto feminino, questão que ainda não era tratada diretamente, porém, os próprios jornais noticiavam essas lutas e conquistas em outros países, o que acabava influenciando as mulheres do Brasil. Algumas dessas escritoras, como

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), faziam até mesmo campanhas para a implantação de creches e jardins de infância, com o objetivo de ajudar as mulheres na conquista de sua profissionalização. Com isso, pode-se entender que a autora descreve em seu artigo como se iniciou o progresso das mulheres em várias áreas e, isso nos permite falar do discurso feminista com o entendimento que houve um processo demorado e difícil, e ainda hoje as mulheres precisam lutar para conseguir ter voz e conquistar seus direitos, considerando-se que para a autora

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como *força do bem*, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como *potência do mal*. Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição. (TELLES, 2004, p. 337).

Para ampliarmos o nosso alcance e vermos o posicionamento da mulher em diferentes épocas e lugares, tratamos agora do processo mais contemporâneo da presença da mulher.

Começamos agora com o fim do século XIX e o início do século XX, período em que o processo de aceleração da urbanização incentivou um significativo aumento no movimento das populações pobres rumo as capitais. E isso fazia com que cortiços e habitações coletivas fossem construídas nos grandes centros dessas capitais, o que acabava deixando a cidade ‘feia’ e com aparência de ‘suja’. No Rio de Janeiro, se iniciou um processo para a derrubada dessas habitações, direcionado pela medicina e por interesses econômicos. O principal objetivo era transformar a cidade em uma metrópole, e também atrair os estrangeiros.

Logo, podemos ver que no Brasil, os ideais de modernização e higienização da França influenciaram muitas decisões tomadas na época, que refletiam diretamente nas relações familiares. O foco dessa influência era a organização da família e o conservadorismo, almejando a manutenção de leis, costumes, regras e convenções. Pensando nesse maior controle da ordem, eram justamente as mulheres que possuíam traços “[...] suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra” (SOIHET, 2004, p. 304).

Com isso, buscamos o papel da mulher naquela sociedade, com o intuito de mostrar como era o modelo social a ser seguido. A rua simbolizava o lugar de corrupção com relação ao modo que as mulheres deviam se portar. As mulheres não deveriam sair sozinhas na rua, nem ao menos entrar nos estabelecimentos. E essa regra tinha por base a preocupação com

a moral que as mulheres deveriam cultivar para obterem o progresso. Porém, as mulheres pobres que necessitavam sair às ruas para trabalhar tinham dificuldades para cumprir essa exigência. Nesse contexto, destacou-se a repressão contra as mulheres

O que fica claro é o empenho das autoridades em impedir a presença dos populares em certos locais, no esforço de afrancesar a cidade para o desfrute das camadas mais elevadas da população e para dar mostras de “civilização” aos capitais e homens estrangeiros que pretendiam atrair. No caso das mulheres, acrescentavam-se os preconceitos relativos ao seu comportamento; sua condição de classe e de gênero acentuava a incidência da violência. O desrespeito às suas condições existenciais traduzia-se em agressões físicas e morais. (SOIHET, 2004, p. 307).

Outro ponto a ser comentado diz respeito ao casamento, que no Brasil do século XIX era uma conquista apenas da elite, levando-se em consideração o alto preço das despesas matrimoniais, fato que acabava levando as mulheres mais pobres a viverem como concubinas. As diferenças eram um fator determinante para as mulheres, que seu gênero por si só já era característica definitiva para ser colocado em uma posição de inferioridade, e a situação só piorava para as mulheres mais necessitadas. De acordo como os costumes da época, o casamento simbolizava na mulher uma posição respeitável, visto que a mulher era quem cuidava do lar, além de ser leal às necessidades de sua família. Dito isso, pode-se concluir que as mais necessitadas que não tinham condições de se casar, eram menosprezadas por não terem uma relação oficializada. Até mesmo as mulheres solteiras, não tinham moral alguma na sociedade, eram vistas como “[...] mulheres perdidas, indignas, perigosas por servirem de descaminho para as ‘filhas de família de poucos teres’, incapazes de sentimentos mais nobres” (SOIHET, 2004, p. 324).

Considerando o exposto, é possível perceber como a honra da mulher era definida por questões estritamente ligadas ao fato de ser mulher e, pelo lugar legitimado do sexo/gênero masculino, que por si só já possuía uma autoridade própria, “[...] uma vez que a honra é atribuída pela ausência do homem, através da virgindade, ou pela presença masculina no casamento” (SOIHET, 2004, p. 325).

Contudo, mesmo passando por diversas situações de desigualdades, muitas mulheres percorreram por outros caminhos, diferentes das tradições que eram seguidas naquela época, principalmente as classes mais baixas. As mulheres mais pobres vítimas de violência, não eram tão submissas quanto a sociedade esperava e revidavam esses maus-tratos, assim “algumas reagem à violência, outras recusavam-se a suportar situações humilhantes chegando mesmo a abrir mão do matrimônio – instituição altamente valorizada para a mulher, na época” (SOIHET,

2004, p. 315). Com isso podemos concluir que o último artigo analisado “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”, nos permite enxergar melhor a situação das mulheres e suas dificuldades, bem como sua luta para irem de encontro aos padrões impostos por uma sociedade predominantemente patriarcal.

Após termos revisto pesquisas que mostram como se desenvolveu as relações da mulher na sociedade, damos continuidade agora com o estudo do feminismo pautado no trabalho de Pimenta (2019), com o objetivo de entender melhor a relação da mulher desde uma sociedade mais antiga, até os dias de hoje. Tendo visto esses exemplos de como a mulher e sua representação se dava em outras sociedades como a indígena, e também em outras épocas, passemos a entender melhor como funciona o feminismo que vai tirar a mulher desse lugar e ao mesmo tempo promover uma série de mudanças sociais. Quando se refere ao trabalho sobre o movimento feminista, Pimenta (2019, p. 28) afirma que “[...] para construir-se um objeto de pesquisa tão atual quanto o nosso, torna-se necessário olhar para trás e entender de que maneira as mudanças ocorreram para chegarmos até aqui”.

No decorrer dos anos, em todo o mundo e nas diversas sociedades, as mulheres precisaram lutar muito para conseguirem direitos básicos como, trabalhar fora, escolherem o próprio cônjuge, ter direito ao voto, entre outros. Como vimos no início no universo indígena, o trabalho era dividido entre homem e mulher. Os homens tinham a missão de trazer o alimento de fora de casa, ou seja, trabalhar fora. Já para as mulheres, a plantação e as tarefas domésticas faziam parte de suas obrigações, que basicamente quer dizer que a casa era seu lugar de trabalho. Isso nos direciona ao lugar extremamente restrito que as mulheres foram colocadas, sem direito à educação e muito menos às atividades fora de casa, onde apenas o homem podia estar.

Como acabamos de ver, tanto na sociedade indígena quanto na sociedade ocidental, europeia e brasileira de influência europeia, para o homem são designados trabalhos externos, e para as mulheres, são designados trabalhos internos. Esse modelo da mulher dentro do espaço interno e do homem colocado no espaço externo veio de influência europeia e acabou abrangendo várias outras sociedades em diferentes épocas. Para as mulheres, o correto era estar dentro de casa, exercendo atividades relacionadas ao lar e ao bem estar da família. Já para os homens, era esperado que trabalhassem fora, além de terem total liberdade para circularem nesses espaços externos.

Com isso, entende-se que esse lugar restrito no qual as mulheres foram colocadas diminuía seus direitos, haja vista que a mulher enquanto filha, pertencia ao pai; depois de se

casar, passava a ser propriedade do marido. Logo, pode ser introduzido aqui um conceito muito discutido com relação à dominação masculina em detrimento das mulheres

Pelo fato de os homens serem considerados, segundo o patriarcado, os dominantes, as relações construídas tanto no espaço privado quanto no público seguem essa lógica. Assim a mulher aparece, muitas vezes, como subordinada ao homem, devido à segregação sexual [...]. (PIMENTA, 2019, p. 45).

A organização do movimento feminista de forma mais efetiva no Brasil deu-se mais especificamente na década de 1960, quando se iniciava uma maior efervescência de movimentos sociais, principalmente por conta da ditadura militar (PIMENTA, 2019). A partir desse novo pensamento crítico/feminista que surgia, as mulheres começaram a exigir uma inserção no cenário histórico. Nesse cenário, queriam ser reconhecidas de outra maneira, através de um olhar constituído por elas próprias das condições da sociedade feminina. Esse novo olhar vinha com o objetivo de romper com a perspectiva masculina sobre as práticas das mulheres no passado e no presente. Contudo, mesmo com a mulher conquistando um espaço maior fora do espaço privado, o homem ainda a tinha como sua propriedade, tanto dentro de casa como fora. Isso é bem visível nas relações de trabalho em que muitas mulheres foram e ainda são até hoje, vítimas de assédio, que vêm geralmente do próprio patrão. Esse conceito de homem provedor principal da família foi tão enraizado na sociedade que, para algumas pessoas mais conservadoras, ainda é natural que os espaços estejam definidos como privado para as mulheres e público para os homens, como afirma Pimenta (2019, p. 45), “Essa submissão chega a ser tão naturalizada que as mulheres assumem, de certa forma, mais atribuições na esfera privada, ou em casa, ainda que trabalhem fora”.

A autora ainda fala sobre a definição de gênero e suas implicações no movimento feminista. Segundo Louro (1997 apud PIMENTA, 2019, p. 54)

Há de destacar-se, porém, que a utilização desse termo não foi pura e simplesmente com a “(...) a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas”. (LOURO, 1997, p. 22).

O que nos permite entender que gênero pode ser definido como um meio criado com o objetivo de que essas definições pré-existentes relacionadas ao gênero feminino sejam imutáveis e sejam naturalmente características femininas. Isso faz com que se torne ainda mais difícil lutar contra rótulos impostos pela sociedade há tanto tempo. Esse tipo de hierarquia faz

com que a sociedade acredite que as mulheres nasceram com o instinto natural de ser mãe, que o trabalho doméstico é exclusivamente tarefa feminina, que sua essência feminina está na atração que exerce nos homens, entre outros rótulos. De acordo com Pimenta

Ao destinarem à mulher atribuições ligadas ao lar, o discurso é fortemente representado como patriarcal, já que mesmo elas exercendo uma profissão (...) suas identidades ainda são reforçadas como mulher, esposa e mãe, relegada à esfera privada e ao feminino. (PIMENTA, 2019, p. 176).

Pimenta também cita alguns autores, como Simone de Beauvoir, que na realidade desfaz essa ideia do que seja natural para as mulheres, usada como justificativa para as diferenças entre o sexo feminino e masculino.

Outro ponto exposto pela autora diz respeito à relação de poder e às formações de identidade. Entende-se poder como ferramenta de se impor a própria vontade acima da vontade do outro, ou seja, de conduzir o outro a realizar o próprio desejo.

Essa ideia de luta e de modo de ação sobre os outros remete-nos ao poder político, ou mesmo à oposição de esquemas de contrato/opressão versus esquema de guerra/repressão, em que há a prática de uma relação perpétua de força, com luta e submissão. (PIMENTA, 2019, p. 64)

Conforme o exposto, pode-se ver que as mulheres foram por muito tempo (ainda são), controladas de maneira a fazer o que a sociedade deseja, de acordo com todo um histórico de condições minoritárias impostas em detrimento aos homens. Segundo Foucault (2009 apud PIMENTA, 2019, p. 61) o poder

coloca em jogo relações entre indivíduos (ou entre grupos) (...) ‘alguns’ exercem um poder sobre os outros. O termo ‘poder’ designa relações entre ‘parceiros’ (entendendo-se por isto não um sistema de jogo, mas apenas – e permanecendo, por enquanto, na maior generalidade – um conjunto de ações que se induzem e se respondem umas às outras) (FOUCAULT, 2009, s/p).

Com isso, o que se entende é que através desse poder, o patriarcado constituiu e definiu lugares e, por sua natureza repressiva, tem a capacidade de influenciar na produção de discursos. Esse poder usa de meios lícitos para conduzir comportamentos, ou seja, se encontra em discursos legitimados, com o objetivo de impor ideias tradicionalistas próprias do patriarcado. Pensando nesse sistema de dominação, é possível entender a importância da luta feminista, para que existisse uma desconstrução desse modelo de estrutura de poder patriarcal. Para a mulher, o patriarcado se instituiu como uma estrutura de poder que define o lugar de

submissão da mulher e de poder do homem, e isso Pimenta nos mostra em seus estudos. Para trabalhar em um cargo predominantemente ocupado por homens, a mulher necessita encontrar maneiras de se legitimar e mostrar que é tão eficiente quanto o homem. Já para o homem a situação muda, visto que cargos de alto escalão são prioritariamente ocupados por eles, ou seja, eles já possuem um poder legitimado para se encontrarem nessa posição. A mulher precisa ser legitimada, pois o lugar do poder não foi construído historicamente como um lugar feminino.

Conforme o que foi visto até agora, concluímos esse tópico com o entendimento que o movimento feminista, tem como objetivo promover mudanças nos lugares que as mulheres ocupam dentro da sociedade. Mudanças que visam salários iguais, acesso à educação e o fim de estereótipos que colocam a mulher em desvantagem ao homem, haja vista que muitas mulheres mesmo trabalhando fora de casa, ainda precisam se esforçar para ser boas mães e donas de casa. Através do tempo existiram mulheres que adquiriram uma outra consciência sobre seus direitos. Isso foi fundamental para que se conquistasse um espaço maior fora de um sistema machista, naturalizado por uma sociedade tradicionalista e patriarcal. É um processo longo, visto que ainda hoje a mulher é subjugada por seu gênero.

#### **4.1 CONQUISTAS FEMININAS**

Para romper com esse lugar enraizado da mulher, vamos percorrer algumas revoluções femininas, visando um maior entendimento de como se deu esse processo após o início do despertar da mulher em busca de igualdade de direitos, que foi descrito anteriormente.

Marcando esse início, temos uma das principais lutas das mulheres, o direito ao voto. Essa luta começou nos Estados Unidos com o movimento sufragista, que intencionava que as mulheres tivessem direito ao voto, como os homens já tinham. Foi um processo que durou 70 anos, desde a ‘Convenção dos Direitos da Mulher’, originada nos Estados Unidos em julho de 1848 até 1928, ano em que as mulheres finalmente conseguiram esse direito em sua totalidade (SILVA, 2013, p. 19). Em outros lugares do mundo, como no Brasil, por conta da influência europeia que mantinha a mulher em um patamar de inferioridade, o patriarcado controlava as relações entre as famílias e a sociedade. Isso fazia com que a mulher continuasse restrita à maternidade e aos cuidados do marido e da casa. Foi a partir do século XIX que a luta feminina se iniciou, primeiramente, reivindicando o direito à educação, visto que naquela época existiam cursos de formação permitidos apenas para os homens, como direito e medicina.

Foi a partir de 1910 com a fundação do Partido republicano Feminino, que se iniciaram discussões no Congresso Nacional acerca do voto feminino. Em 1934 o direito ao voto pelas

mulheres foi confirmado na Constituição. Mas para chegar até essa conquista, foram necessárias várias manifestações, visto que ainda existia muita divergência de ideias. O que se pensava naquela época era que as mulheres deveriam se manter submissas às regras que já estavam em vigor, pois com algum poder político, seriam uma ameaça ao controle masculino. Assim, podemos perceber o quanto foi difícil para a mulher ser reconhecida como participante ativa do cenário político, como nos mostra Silva

Em meio a essas discussões, o deputado Basílio de Magalhães apresentou em 1924 um projeto de inclusão das mulheres no eleitorado, porém com a ressalva de que elas teriam de ter o consentimento do marido, o que foi refutado contundentemente pelo movimento feminista. (SILVA, 2013, p. 6).

Todavia, embora por um lado a mulher fosse barrada no campo político, por outro, acreditava-se que seria interessante sua presença como participante ativa, haja vista que ela possui características próprias, como “espírito de bondade, de horror à violência, de inquebrantável fidelidade às leis de Deus...” (ALVES, 1980 apud SILVA, 2013, p. 6), que trariam mais leveza à política. Com relação a essa leveza, temos que considerar que não se trata de um aspecto positivo imposto ao gênero feminino, pelo menos não nesse contexto. Isso significa que para o campo político mencionado acima (campo esse constituído apenas por homens), o que se pode aproveitar da mulher na política seria sua delicadeza, sua maneira leve de conduzir assuntos mais sérios, com o objetivo de evitar maiores conflitos. Por isso essa leveza mencionada se torna um aspecto pejorativo, já que as mulheres não foram consideradas na política por conta de sua capacidade. Assim, entendemos que o mérito da mulher como ser atuante na política não se deve ao fato do gênero masculino ter permitido essa mudança, mas sim, pela revolução ocasionada pelas próprias mulheres, em busca de uma maior participação nas decisões políticas, com o objetivo de serem reconhecidas com uma sociedade ativa.

Um dos objetivos do movimento feminista da época, era a política de presença. Essa política permitia que houvesse uma maior participação das mulheres no cenário político, visto que com essa maior participação, a bancada feminina visava a igualdade de todos os brasileiros perante a lei. Sobre a política de presença, como afirma Silva (2013, p. 8), “passou a ser uma bandeira defendida pelo movimento feminista que culminou na adoção de cotas eleitorais nos partidos políticos como estratégia utilizada para aumentar a representação das mulheres”. Esse foi um passo importante, haja vista que a partir daí, as mulheres passaram a participar mais da política, e isso permitiu que o espaço para a luta por direitos mais iguais fosse ampliado, fazendo com que diminuíssem, mesmo que aos poucos, discriminações e desigualdades.

Também destacamos aqui a criação da lei Maria da Penha, sancionada em 2006, após uma mulher de mesmo nome sofrer várias agressões de seu marido. Essa lei, define melhor o que pode ser considerado como violência. Ou seja, dentro dessa lei, estão todos os tipos de crimes além dos que deixam marcas físicas, vai adiante, abrangendo também a integridade moral da mulher.

Para falar sobre os aspectos do movimento feminista, Guedes e Pedro (2010) afirmam que

A luta das mulheres está na libertação das amarras de um senso moral construído pela cultura machista, cristalizada durante séculos. Não é apenas pela igualdade econômica e política que as mulheres conquistam seu espaço; mas são, também, na construção de uma sociedade livre de relações preconceituosas e discriminações. Trata-se de uma luta pela liberdade, para além da equiparação de direitos, e pelo respeito à alteridade. (GUEDES; PEDRO, 2010, p. 5).

Nesse contexto, Guedes e Pedro (2010) destacam o final da década de 60 quando, em um concurso de beleza realizado em Atlantic City, aproximadamente 400 mulheres se juntaram para protestar contra a ditadura da beleza que, na realidade, oprimia as mulheres e estimulava sua exploração comercial. A intenção era fazer uma fogueira com objetos como sutiãs, sapatos de salto alto e acessórios de maquiagem, mas isso não chegou a acontecer, haja vista que o local não era público. Porém, esse ato, embora simbólico, significou muito, pois representava uma quebra de rupturas e ia de encontro aos padrões de beleza ditados às mulheres durante tantos anos.

Aqui, vimos alguns exemplos de verdadeiras conquistas das mulheres. Durante anos houve lutas de diversos grupos feministas, que foram fundamentais para que despontasse um maior sentimento de igualdade entre homens e mulheres. Isso fez com que as mulheres pudessem começar a se enxergar como protagonistas de sua própria história, e também integrantes de outros espaços. Mas sabemos que esse trabalho ainda não acabou, visto que ainda existem países, como o Brasil mesmo, que continuam mantendo a mulher em um nível de inferioridade, a violência contra a mulher é real e existe, logo, os papéis de gênero não foram rompidos. Por isso, ainda são necessárias políticas públicas focadas nas mulheres, garantindo os direitos já conquistados e incluindo novos direitos. As várias dimensões de transformação da sociedade por meio da luta das mulheres trazidas no presente artigo, nos mostra que toda mudança de gênero/sexualidade é uma mudança feminista ou um movimento da mulher, pois a

partir do momento em que a mulher trabalha de forma atuante na política, no espaço externo, no movimento da ação, ela também começa a perceber a questão da sexualidade.

## 5 SUJEITO E POSICIONAMENTO

Para darmos continuidade em nosso trabalho, vamos mostrar nesta parte como os posicionamentos se constituem e se instituem nos espaços e, como eles agem sobre os sujeitos.

É necessário entender que para a AD, o posicionamento se constrói por meio de um interdiscurso, o que significa dizer que existe esse entrecruzamento de vários discursos em uma determinada comunidade. Assim, nessa determinada comunidade onde se encontra esse entrecruzamento de discursos, o sujeito pode se inserir e se constituir a partir do posicionamento resultante.

Para Maingueneau (2008, p. 43), essa noção de posicionamento ainda precisa ser aprofundada

...ela implica apenas que os enunciados estão relacionados a diversas identidades enunciativas que se delimitam umas às outras. Eis um tema recorrente na *análise do discurso* da França: a unidade de análise pertinente não é o discurso em si mesmo, mas o sistema de referência aos outros discursos através do qual ele se constitui e se mantém; referir-se aos outros e referir-se a si mesmo não são atos distinguíveis senão de modo ilusório; o *interdiscurso* não se encontra no exterior de uma identidade fechada sobre as suas próprias operações.

Com isso, podemos perceber que na realidade, essa noção nos ajuda a entender como uma rede interdiscursiva dá luz ao posicionamento dos enunciadores. De acordo com Cano (2012, p. 58), “ao dizer que os enunciados estão relacionados a diversas identidades, fica claro que um discurso não é somente fonte de referência a outros discursos, mas integra as identidades advindas desses outros discursos [...]”. Isso implica dizer que um enunciado pode ser fonte de outro discurso, mas, ele não é somente uma fonte. Além disso, ele passa a fazer parte do posicionamento daquele discurso e de quem o toma para si. Assim, podemos afirmar que quando um coenunciador adere a um determinado dizer, ele também adere, em diferentes graus, ao posicionamento que esse dizer remete. Contudo, como lembra Cano (2012, p. 58), é importante entender que “aderir não é concordar com uma opinião, mas assumir um *posicionamento* no mundo, resultado de uma situação comunicativa”.

Pensando nisso, entendemos que é por meio desses posicionamentos que as comunidades discursivas se perpetuam e produzem sentidos que são atribuídos diretamente a elas, fazendo com que as pessoas que fazem parte dessas comunidades, sejam reconhecidas por seus hábitos e dizeres. De acordo com Maingueneau (2008, p. 43)

Esses *posicionamentos* são eles próprios inseparáveis de grupos que os elaboram e os fazem circular, gerindo-os. A partir do momento em que se trata de discursos-limite, que são, além disso, discursos maximamente autorizados, não é ao conjunto dos membros de uma sociedade que cabe avaliar, produzir e gerir os textos constituintes, mas a comunidades restritas. É nesses grupos que se mantém a memória e que os enunciados podem ser avaliados em relação às normas, partilhadas pelos membros da comunidade associada a esse ou àquele *posicionamento* (por exemplo, tal grupo de pesquisa em sociologia) e pelos membros da comunidade do mesmo campo, para além dos diversos *posicionamentos* (a comunidade dos sociólogos, para retomar o nosso exemplo).

Logo, o autor nos mostra que é através desses posicionamentos que se encontram nas comunidades, que se constitui a memória discursiva, haja vista que são as pessoas que se inserem nas comunidades e partilham dessas memórias. E é assim que se espalham discursos estereotipados, carregados de violência, como no caso do nosso estudo, o discurso de uma sociedade machista que se sobrepõe aos direitos das mulheres.

Sobre o sujeito, sabemos que a AD defende que ele não pode ser considerado como fonte única do dizer, visto que ele se constrói por meio de falas de outros sujeitos. Ele é formado pela ideologia, que é incorporada de outros discursos. Logo, quando um sujeito assume o discurso de determinada comunidade, ele acaba assumindo um posicionamento também e, legitima esse outro discurso como sendo próprio. Esse sujeito não é pré-definido, e pode variar conforme o contexto em que é inserido, pois o sujeito muda de acordo com o uso das palavras dentro do discurso ideológico. De acordo com Pêcheux (apud BRANDÃO, 2004, p. 83) “em um mesmo texto podem-se encontrar várias formações discursivas”, assim, cada formação discursiva pode dizer respeito a um sujeito.

E é isso que acontece ao assumir um posicionamento. Acabamos nos constituindo pelo outro do discurso, pelos sentidos já construídos que continuam significando discursos hierarquizantes, perpetuando a dominação e a violência.

## 6 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para percorrermos nosso caminho, que é mostrar como a revolução sexual é uma revolução feminina, nosso corpus será constituído a partir de recortes da série documental *Amor e Sexo Pelo Mundo*, apresentada pela correspondente internacional da CNN Christiane Amanpour. Quando a jornalista teve a ideia de produzir um documentário voltado a um assunto tão diferente das matérias que estava acostumada a cobrir, causou um certo espanto em seus chefes. Segundo a jornalista

Tive essa ideia enquanto escovava os dentes, em casa. O rádio noticiava a guerra na Síria. Pensei naquelas pessoas tentando manter a dignidade no meio de um derramamento de sangue. Como aquelas mulheres sírias mantêm suas filhas a salvo de um casamento forçado? Elas falam de sexo? (MACHADO, 2019)

O documentário foi produzido pela CNN e lançado no Brasil em 2018 na plataforma de streaming *Netflix*, conta com 6 episódios produzidos em: Tóquio, Délhi, Beirute, Berlim, Acra e Xangai, lugares esses onde a jornalista entrevista pessoas de diferentes culturas, com o objetivo de mostrar como o amor e o sexo são vistos, tanto no ocidente quanto no oriente. Em Tóquio, historiadores dizem que o período do século XVII até o XIX foi marcado por uma libertação sexual. Porém, em meados do século XIX, após a abertura do mercado para o mundo ocidental, teve que banir certas tradições, por conta da era vitoriana. Talvez por isso o contato físico e as demonstrações de afeto são algo raríssimo de se ver, tanto na relação entre casais quanto entre pais e filhos. Em Délhi, a intimidade das pessoas ainda pode ser governada pela família, por meio de tradições e religião. Por lá os casamentos são em sua grande maioria arranjados. Além disso, o estupro é muito comum. Geralmente são grupos de radicais que cometem esse tipo de violência, contra casais que demonstram afeto em público, contra mulheres que socializam em bares. A cidade foi eleita em 4º lugar como a cidade mais perigosa do mundo para mulheres. Em Beirute, a sexualidade é um tabu, não se fala sobre sexo nas escolas e nem em casa, o que ocasiona pessoas, principalmente mulheres, chegando na noite de núpcias sem ao menos conhecer o próprio corpo. E isso é consequência da religião e dos costumes, que acaba oprimindo a liberdade das pessoas. É um lugar onde a virgindade da mulher é extremamente cultuada e, deve ser mantida até o casamento. A sociedade é muito dura com as mulheres e, se uma mulher perde a virgindade antes do casamento, fica marcada, sem conseguir formar uma família, sem casamento. Do ponto de vista religioso, a mulher não possui direito algum. Ao se divorciar, apenas o homem tem direito a ficar com os filhos, e não existe

divisão de bens entre o casal. Em Berlim, encontramos um cenário totalmente diferente dos anteriores. A liberdade de expressão e a forma que as mulheres vivem suas vidas e satisfazem seus desejos, é muito aberta. Não existem regras, leis que oprimem, como nós vimos anteriormente. Em Acra, é a religião que comanda amor, sexo e relacionamentos. Lá, entre os homens que têm dinheiro, é comum além de esposas, manterem relacionamentos com amantes e namoradas, isso tudo com a aprovação das esposas. Além disso, os desejos e as vontades do homem precisam sempre vir em primeiro lugar. E por último, em Xangai, durante muito tempo casamentos e relacionamentos foram controlados pela família, pela tradição e pelo Estado. Lá é comum que os pais arranjam bons casamentos para os filhos, mas antes, a carreira e a educação são priorizadas. Assim como em Tóquio, os pais não acostumam os filhos com demonstrações de afeto, sem beijos e nem abraços.

Ao assistir a série, o que é possível notar é que, em cada uma dessas grandes cidades, existe uma revolução silenciosa em progresso, e essa revolução é claramente liderada por mulheres. Vimos que no mundo todo as mulheres estão ocupando lugares que, antes eram negados a elas. As culturas estão aos poucos se abrindo, aceitando as transformações e a igualdade de gêneros.

Assim, foram feitos alguns recortes para a constituição do corpus e, levando em consideração que esses recortes são falas de mulheres entrevistadas, buscou-se selecioná-los a partir das críticas que elas fazem em relação às suas vidas no campo do amor e do sexo. Feitos esses recortes, passamos a analisar a categoria de interdiscurso, tentando recuperar nos recortes quais outros discursos elas estão retomando no sentido de rompimento. Foi aplicada também a categoria de sujeito e posicionamento, visando entender melhor como essas mulheres se constituem como um sujeito que toma para si, ou não, determinado posicionamento, para que assim, fosse possível atender nossos objetivos.

## 7 EMBATES FEMININOS NO DOCUMENTÁRIO

A seguir, serão analisados recortes das entrevistas realizadas no documentário *Amor e Sexo Pelo Mundo*. Esses recortes são exclusivamente de entrevistadas mulheres, visto que o objetivo é analisar a revolução feminina a partir do rompimento que é causado quando a mulher percebe o lugar que ocupa na sociedade, e isso é mostrado através de críticas que as entrevistadas fazem ao modelo de sociedade patriarcal que perdura até os dias atuais.

### 7.1 Discurso da Família

#### Entrevistada 1

Em Tóquio, uma entrevistada, ao ser perguntada como é ser mulher no Japão: **“A maioria das mães asiáticas dizem: ‘Faça isso, faça aquilo’. Minha mãe queria que eu achasse um homem com dinheiro, um homem rico para casar”**. Ao ser perguntada se era reprimida em casa, a entrevistada responde: **“Sim. Isso me influenciou a não ser eu mesma. Não posso me amar e nem tomar conta de mim. Fiquei solitária, procurando sexo casual”**. Aqui, temos um exemplo de como a forma de relação interdiscursiva propaga comportamentos que uma sociedade deve seguir. Nesse caso, percebemos um embate entre discurso feminista X discurso da família, haja vista que a entrevistada identifica que o problema da estrutura familiar está em sua mãe e na forma como ela orienta sua vida, pelo fato de ser mulher.

Em Tóquio, as filhas precisam atender a necessidade de se buscar um homem para que possam viver bem. A entrevistada indica seu posicionamento, mostrando que não daria conta de superar as expectativas de sua mãe. De certa forma, isso a marca negativamente, pois ela alia a frustração de não conseguir ser o que sua mãe deseja para ela, à sua condição ‘solitária’ de procurar sexo casual. Ali, o embate se dá a partir da identificação de uma orientação de origem familiar, que a entrevistada consegue perceber e ainda assim, ela assume uma certa sexualidade. No entanto, isso ainda é visto de uma forma negativa, porque o discurso em Tóquio sofreu influência da sexualidade ocidental que, como vimos anteriormente, era reservada aos casais e, apenas para a reprodução. Com a influência da era vitoriana, vimos que a vida íntima dos casais e, principalmente das mulheres, passou a ser controlada por esferas como, religião, medicina e política. E esse comportamento das mães asiáticas faz referência direta à essa época. Logo, percebemos que o discurso que é constituído por uma revolução, não necessariamente se

assume como tal. No trecho em que a entrevistada diz “Isso me influenciou a não ser eu mesma. Não posso me amar e nem tomar conta de mim. Fiquei solitária, procurando sexo casual”, demonstra que ela não seguiu determinada orientação. E esse ato de ir contra as orientações de sua mãe indica que houve uma revolução que possibilitou a ela estar naquele lugar, visto que ela admite uma influência negativa que a relação com sua mãe teve em sua vida íntima. O embate, nesse caso, está no fato da entrevistada se encontrar posicionada em um certo limiar, pois ela ainda é marcada pela memória discursiva de que as mulheres devem se casar para serem realizadas, mas ao mesmo tempo, ela também é marcada pelo discurso feminista, que diz o contrário.

## **Entrevistada 2**

**“Quando se é criança na Índia, não pode falar com meninos até os pais decidirem que pode casar: ‘Não converse com meninos! Agora transe com este e tenha filhos’. É ridículo e é por isso que muitos indianos não sabem ter relacionamentos”** (Délhi). A entrevistada faz uma crítica ao modelo de relacionamento que os pais defendem para suas filhas em Délhi. Para ela, quando esses pais proíbem que meninas cheguem perto de meninos, na realidade priva as pessoas de se conhecerem melhor e de construírem relações saudáveis entre si. Ela se constitui como alguém que não aceita esse padrão de comportamento, toma para si um discurso diferente daquele que os pais de Délhi assumem e cria, uma ruptura no padrão de comportamento que as mulheres em Délhi devem seguir. A entrevistada constitui seu posicionamento a partir do embate entre uma orientação dada pelos seus pais, portanto podemos identificar que é o discurso da família que entra em embate com esse discurso feminista de não validar tais orientações. Essas orientações trazem formas de comportamento que ela considera como ridículo e, ao resumir como ridículo, podemos retomar o discurso feminista do item 3, que afirma que “no decorrer dos anos, em todo o mundo e nas diversas sociedades, as mulheres precisaram lutar muito para conseguirem direitos básicos como, trabalhar fora, escolherem o próprio cônjuge, ter direito ao voto, entre outros”. O que podemos entender é que essa proibição dos pais relacionada ao distanciamento que as filhas devem manter de meninos desde a infância, gera um retrocesso nos direitos anteriormente conquistados e isso é ridículo, de acordo com a entrevistada. Levando em consideração que os casamentos na Índia são, em sua grande maioria arranjados, a entrevistada não contesta apenas o patriarcado, ela contesta também como sua própria cultura posiciona as mulheres.

E aí o posicionamento dela se diferencia por isso, identificando que esse discurso da família e essa moralidade sustentada por esse tipo de discurso é o que impede as pessoas de saberem se relacionar, e também a própria sexualidade, haja vista que se os indianos não sabem ter relacionamentos, logo, não sabem desenvolver sua sexualidade. É possível identificar a revolução na forma de pensar da entrevistada, visto que ela percebe o quanto a influência dos pais é negativa e impede que os filhos tenham a oportunidade de criarem relações saudáveis com pessoas do sexo oposto. Quando os pais dizem para suas filhas “transe com esse e tenha filhos”, o potencial sexual da mulher é totalmente esvaziado, pois isso impede que a mulher conheça o próprio corpo. Esse tabu que gira em torno da sexualidade também vem de outra época, visto que o comportamento sexual na Índia teve forte influência da moral vitoriana, que já falamos no item 2.

### **Entrevistada 3**

**“A China tem uma história muito conservadora, certo? E todas as mulheres são muito restritas mentalmente. Os meus pais são muito conservadores. E acham que o corpo não deve ser mostrado para os outros. Não se deve fazer sexo antes de casar”** (Xangai).

### **Entrevistada 4**

**“É a lição que aprendemos dos nossos pais: não deixe ele pensar que você é fácil. Não faça sexo antes do noivado ou ele vai te tratar como uma vadia”** (Xangai). Nos recortes 3 e 4, temos dois discursos que se encontram em relação de concorrência em um mesmo espaço discursivo, eles instruem a mulher a manter relações sexuais apenas após o casamento. Assim entendemos que em Xangai, existe uma rede interdiscursiva a qual os pais de mulheres dessa comunidade fazem parte e assumem um mesmo discurso, definindo seu posicionamento. Com isso, ao tomar para si esses discursos, essas gerações acabam assumindo determinado posicionamento e, como pais, querem que seus filhos façam o mesmo. Ou seja, é imposto às mulheres um comportamento X, para que elas sejam consideradas dignas de um bom casamento ou, para que sejam dignas de respeito. Essas mulheres, por receio de não serem aceitas em sua comunidade, acabam se construindo como sujeitos iguais aos seus pais, por conta de terem sido desde a infância influenciadas por esses discursos. Nesse caso, quando uma comunidade inteira toma para si o mesmo tipo de discurso, gerando comportamentos iguais, fica difícil para um sujeito romper com aquele tipo de discurso, pois foi o que o influenciou em sua vida inteira,

como acontece com as mulheres em Xangai. Nos dois recortes que acabamos de analisar, percebemos um embate entre o discurso da família X o discurso feminista. Com relação ao recorte da fala da entrevistada 3, embora sutil, percebemos uma ruptura em sua fala, que diz “E todas as mulheres são muito restritas mentalmente”. Com isso, mesmo que inconsciente, ela admite que por conta do histórico conservador do país, todas as mulheres na China são mentalmente restritas, ela enxerga isso e assume um discurso feminista. A revolução está no ato de admitir a postura conservadora dos chineses, embora ela tenha esse tipo de padrão como referencial para construir sua postura. A mesma coisa ocorre com a entrevistada 4, que em sua afirmação, diz “É a lição que aprendemos dos nossos pais: não deixe ele pensar que você é fácil. Não faça sexo antes do noivado ou ele vai te tratar como uma vadia”. A revolução está no ato de afirmar que não fazer sexo antes do noivado, é uma lição aprendida com os pais. Isso não significa dizer que ela concorda, apenas que é uma postura que os pais querem que ela assuma, e o embate se encontra justamente nesse reconhecimento que ela faz do discurso de seus pais, que é mais como se fosse uma ordem mesmo. Isso nos leva de volta ao item anterior, sobre o discurso feminista, onde temos a seguinte afirmação “[...] a honra é atribuída pela ausência do homem, através da virgindade, ou pela presença masculina no casamento” (SOIHET, 2004, p. 325). Isso significa dizer que a mulher, sozinha e sem a virgindade, não tem a capacidade de se autolegitimar, pois ela não tem autonomia para isso. Ela precisa de um homem, de um bom casamento para fazer parte da sociedade.

### **Entrevistada 5**

**“Um conceito de família que eu tive desde a infância, se apaixonar, casar, ter filhos, felizes para sempre, é completamente diferente de onde estou. Eu casei pela primeira vez e agora estou no quarto casamento tenho dois filhos de dois pais diferentes. E vivo de uma forma que não é a vida em família tradicional”** (Xangai). Aqui, constatamos uma revolução feminina. A entrevistada afirma em seu depoimento que apesar dos conselhos tradicionalistas que teve durante a infância, ela seguiu o caminho contrário. Isso indica que ela poderia ter sido levada a assumir determinado posicionamento, de acordo com o discurso que a família dela defendia. Porém, ela foi de encontro a esse discurso que ouviu durante toda sua infância e assumiu um outro posicionamento, de acordo com as experiências adquiridas, e também com o grupo que se relaciona. Esse ato de ir contra o discurso tradicionalista empregado pela família, é uma revolução feminina porque tira a mulher de uma situação passiva e a coloca como ser

ativo em sua própria existência, com capacidade de fazer escolhas por si só, agindo de acordo com o que considera bom para si mesma.

Temos nesse recorte um embate entre o discurso da família X as conquistas femininas, que fica evidente quando a entrevistada afirma conduzir sua vida de uma “forma que não é a vida em família tradicional”. Ela reconhece que sua maneira de viver não condiz com o conceito de família tradicionalista que é muito comum em Xangai, com isso, produz um rompimento com o padrão de comportamento de lá. E isso nos traz as conquistas femininas que já discutimos anteriormente, justamente porque rompe com esse lugar enraizado onde a mulher foi colocada e produz uma revolução, visto que ao se encontrar em um quarto casamento e tendo dois filhos de dois pais diferentes, a entrevistada se coloca como protagonista de sua própria vida e também, de sua própria sexualidade. Essa revolução feminina na sexualidade, de certa forma, também atinge os homens, pois eles precisam encontrar outras formas de agir e se relacionar na sociedade.

## **7.2 Discurso Machista**

Nesse item agregamos alguns discursos tidos como machistas, não que os anteriores não sejam. Nós vamos analisar do ponto de vista didático, para que possamos olhar para esses discursos com uma ideia mais clara de como funciona a relação do homem com a mulher diretamente, onde o homem pode exercer livremente sua sexualidade e a mulher tem que atender a esse machismo, exercendo sua sexualidade exclusivamente para satisfazer os desejos masculinos. Devemos nos atentar ao fato de que essa submissão sexual feminina ficou mais evidente nas entrevistadas de Acra, por isso todos os recortes são de lá.

### **Entrevistada 1**

**“Em Gana tentamos agradar ao homem primeiro. É por isso que usamos muitas coisas, para que gostem do sexo. Satisfazemos nossos homens antes de pensar em nós”** (Acra).

### **Entrevistada 2**

**“Quando um homem casado te procura, é bem normal. Muito normal, homens casados procuram solteiras e saem com elas. Têm amantes e namoradas”** (Acra).

### Entrevistada 3

**“Se deixar seu marido, porque ele tem amante ou namorada, o próximo marido fará o mesmo”** (Acra). Como os discursos 1, 2 e 3 se encontram em um mesmo espaço discursivo, resolvemos analisa-los em conjunto, visto que produzem exatamente o mesmo efeito de sentido. Eles instruem a mulher a aceitar que o marido tenha amantes e namoradas, pois essa situação é muito comum por lá, além de incentivar as mulheres a serem submissas a seus maridos. Ao assumir esse tipo de discurso e considera-lo como algo normal, as três entrevistadas tomam para si o posicionamento que esse tipo de discurso propaga. Sobre esse ponto, observamos o embate do discurso machista X discurso feminista, que como vimos anteriormente, esclarece sobre a relação de poder que o patriarcado construiu e implantou na sociedade, com o objetivo de colocar a mulher em relação de submissão ao homem. Isso nos permite entender melhor como funciona as relações entre homens e mulheres em Acra. Sobre a sexualidade feminina, se encontra restrita às relações de poder e submissão que são impostas pelo patriarcado. Como no recorte 1, essa condição mostrada de agradar primeiro ao homem para depois pensar em si, tem forte influência da era vitoriana, que como vimos anteriormente, incentivava as mulheres a serem boas esposas para seus maridos, o prazer feminino não era levado em conta. No recorte 2, entendemos que por ser solteira, essa condição faz com que a mulher aceite ser amante ou namorada de um homem já casado e isso é muito normal. No recorte 3, mais uma vez o patriarcado submete a mulher ao seu poder, pois como o homem é sempre visto como um ser sexual com vontades e necessidades ‘incontroláveis’, fica mais fácil que a mulher aceite as traições. Nos três casos fica evidente o esvaziamento da sexualidade feminina, visto que essas tradições e costumes estão arraigados pelo patriarcado na sociedade em Acra, e por esse motivo, as mulheres acabam assumindo esses discursos machistas e se privando de sua sexualidade.

### Entrevistada 4

**“Naturalmente, como mulher casada, você faz mais. Porque a tradição diz que o homem é o líder. Não se espera que o marido lave. Não se espera que o marido cozinhe”** (Acra). Em Acra, observamos que é muito comum as mulheres darem prioridades a seus maridos, isso em vários aspectos. Aqui, o embate ocorre entre o discurso machista X o discurso feminista, haja vista que como vimos anteriormente, Pimenta (2019, p. 45) afirma que “Essa

submissão chega a ser tão naturalizada que as mulheres assumem, de certa forma, mais atribuições na esfera privada, ou em casa, ainda que trabalhem fora”. O machismo é tão enraizado em Acra que os comportamentos advindos dele são considerados normais pelas mulheres de lá, e elas acabam assumindo esse posicionamento machista, pois foi o que sempre conduziu os comportamentos de lá. A entrevistada percebe a diferença entre homens e mulheres quando afirma que as mulheres casadas fazem mais, pois é o que dita a tradição, e isso nos indica uma revolução, mesmo que muito sutilmente. Ao perceber isso, ela assume seu posicionamento, mas, justifica o comportamento das mulheres, afirmando que são as tradições que ditam tais comportamentos. Como vimos anteriormente, o conceito de sujeito e posicionamento nos mostra que um sujeito pode assumir determinado comportamento que uma rede interdiscursiva propaga, mas, isso não significa que ele concorde com tal comportamento.

### 7.3 Discurso Feminista

#### Entrevistada 1

Agora em um grupo de mulheres que pilotam motos, a jornalista pergunta a elas se não seria incomum uma gangue de motoqueiras na Índia e uma delas responde: **“Tipicamente, mulheres são educadas desde a infância para não fazerem isso ou aquilo. Tem muitas proibições e nós quebramos todas”** (Délhi). Aqui, uma das entrevistadas refaz o percurso de discursos tradicionalistas que são impostos às mulheres desde a infância. Ao retomar a educação dada às mulheres desde a infância, a entrevistada reforça o aspecto negativo de ser mulher em Délhi, visto que indica várias proibições que são ditadas pela família e pela sociedade também. Como vimos anteriormente, quando determinados grupos assumem um tipo de discurso, assumem também a ideologia que esse discurso transmite, que no caso analisado trata das proibições que são impostas às mulheres daquele lugar. Contudo, ao afirmar que existem muitas proibições e as mulheres daquele grupo quebram todas, ela evidencia um rompimento com tudo aquilo que é tradicional e assume outro tipo de discurso, com um posicionamento revolucionário. No caso, as mulheres desse grupo fazem algo que vai contra as regras em Délhi, e ao fazer isso, defendem que mulheres também podem andar de moto. O embate ocorre exatamente no discurso feminista que ela utiliza para evidenciar que mesmo sendo criadas desde a infância para terem determinado comportamento, elas vão de encontro a essas regras para terem a autonomia de viverem suas vidas da maneira que convém a elas, tendo em vista

que esse discurso feminista é o que vai tirar a mulher do lugar onde foi colocada pelo patriarcado e, promover aos poucos, mudanças sociais.

## **Entrevistada 2**

**“Se um cara sair transando por aí, tudo bem. Mas se a garota fez isso, o cara tem que processar e aceitar, não passa batido”** (Délhi). Nesse recorte, o rompimento se dá através do reconhecimento que a entrevistada faz relacionado aos hábitos sexuais das pessoas em Délhi. Nos indica o quanto a sexualidade das mulheres é reprimida naquele lugar. Ou seja, como vimos no item que discorre sobre o discurso da sexualidade, primeiramente a igreja e, depois, a medicina e a política, ditaram regras de como as pessoas deveriam se comportar perante o sexo, principalmente as mulheres. Contudo, essas regras tinham (e tem até hoje) pesos diferentes para homens e para mulheres. Os homens não são julgados por praticarem sua sexualidade, pelo contrário, são julgados por não praticarem, pois o patriarcado define lugares não só para as mulheres, mas para os homens também. Como a virilidade masculina é sempre colocada em dúvida, o homem também precisa assumir sua função. Já com as mulheres, como vimos anteriormente no discurso da sexualidade, seu papel é “extremamente definido como o de responsável pelo bem estar do marido, e na intimidade, seu papel é restrito apenas como meio para a procriação, sendo impedida de sentir prazer nas relações conjugais”. Então, fica claro que essa opressão a sexualidade das mulheres vem de outra época, e se mantém constante até hoje, tendo em vista o tabu que o sexo representa na vida de uma mulher. E é aí que o embate se encontra, nesse discurso feminista que a entrevistada utiliza para mostrar a relação de desigualdade que impera entre homens e mulheres. No recorte analisado, ela mostra que a mulher precisa da aprovação do homem para ter sua moral validada, o que implica dizer que sexualidade não serve para as mulheres, pelo menos não enquanto não for praticada com um parceiro fixo. Se a mulher vai contra esse tipo de imposição, ela vai ser julgada e rotulada negativamente perante a sociedade.

## **Entrevistada 3**

**“Basicamente, comecei a pilotar (moto) quando me provocaram na estação de ônibus. Pensei, chega disso, não vou mais aceitar, chega de transporte público”** (Délhi). Aqui o discurso feminista fica evidente quando a entrevistada decide tomar uma providência com relação aos ataques sexuais que sofria no transporte público. Ela se assume como uma

mulher independente, que entende que o que passa no transporte público é uma agressão, e assume um posicionamento de quem não aceita mais as agressões. Quando ela assume a atitude de pilotar moto para fugir dos abusos, ela promove uma revolução que tira a mulher de um lugar imposto pelo patriarcado, um lugar de submissão. Como vimos anteriormente no discurso feminista, o caminho para a conquista por direitos iguais foi muito difícil, haja vista que a mulher era moldada a ter determinado tipo de comportamento desde a infância, e essa construção tinha por objetivo que as mulheres fossem submissas aos homens, todas as instâncias promoviam isso, fosse por meio da religião, da política, da família etc. E esse tipo de hierarquia sobrevive forte até hoje em vários países, entre eles a Índia. Faz com que mulheres tenham medo de andarem sozinhas, além de incentivar o abuso sexual. Retomando Pimenta

Pelo fato de os homens serem considerados, segundo o patriarcado, os dominantes, as relações construídas tanto no espaço privado quanto no público seguem essa lógica. Assim a mulher aparece, muitas vezes, como subordinada ao homem, devido à segregação sexual [...]. (PIMENTA, 2019, p. 45)

Isso nos indica o embate entre o discurso machista do patriarcado X o discurso feminista que a entrevistada usou para mostrar que é contra os abusos e seu posicionamento perante ele.

#### **Entrevistada 4**

Em um grupo de entrevistadas de Berlim, quando são perguntadas sobre o que acham do termo KKK (Kinder, Kuche, Kirche) que significa respectivamente crianças, cozinha e igreja, uma das entrevistadas respondeu: **“Para mim, é o tipo ideal de mãe que isola a mulher da sociedade. Especialmente na Alemanha, essa ideia de não ir contra a sua natureza, ainda é bem forte dos tempos nazistas”**. Nesse recorte podemos recorrer a memória discursiva, com o objetivo de perceber que ele faz referência ao regime fascista que ocorreu na Alemanha, entre os anos de 1933-1945. Naquela época, o governo foi assumido por Adolf Hitler e pelo Partido Nazista, que controlavam basicamente todos os aspectos da vida das pessoas. O termo KKK que a jornalista retoma foi muito usado naquela época pelos nazistas, quando o governo pregava que ter filhos, cuidar da casa e frequentar a igreja, era o caminho que as mulheres deveriam seguir para que pudessem fazer parte da sociedade. E o motivo de hoje em dia esse termo ser tão depreciativo, é o fato de colocar a mulher novamente como indivíduo importante apenas na esfera privada, anula os direitos que foram conquistados. Levando em consideração o interdiscurso, entendemos que o sujeito que usa esse termo para se

referir as mulheres, está na verdade retomando outro discurso, de outros tempos. Por meio desse discurso, esse sujeito acaba revelando sua maneira de pensar e também, seu posicionamento. A entrevistada vai de encontro a esse tipo de discurso, ou seja, ela assume um outro posicionamento, se constrói como um sujeito diferente daquele que acha que as mulheres devem se dedicar apenas à família, casa e religião. E isso revela outros princípios, já que o discurso que ela toma para si é o de que a mãe deve ir contra sua natureza, para evitar que a mulher seja isolada da sociedade. Ao questionar esse termo que vem da época do nazismo, a fala da entrevistada questiona justamente uma forma de organização vinda de um olhar da sociedade de determinada época, que se mantém até hoje. Então, quando se tem esse tipo de olhar que coloca a mulher como alguém que tem a função de pensar exclusivamente nas crianças, na cozinha e na igreja, isso reativa ou mantém o ideário da sexualidade apresentado anteriormente. No item em que discorremos sobre o discurso da sexualidade, começamos falando da moral vitoriana, período em que “a sexualidade era contida e a própria família incentivava esse silêncio ao sexo”. Essa influência veio a princípio através da igreja, e depois, se estendeu com a medicina e a própria política. O objetivo principal era que o sexo fosse apenas uma ferramenta de procriação, visto que os lugares que produziam seus discursos, possuíam posições reguladoras, capazes de direcionar comportamentos. Com relação à sexualidade, vimos que foi com o Concílio de Trento que começou um maior controle, principalmente no que diz respeito às mulheres. Foi nessa época em que o papel da mulher foi definitivamente restrito à esfera privada, ou seja, era ela a responsável pelo bem estar da família (marido e filhos), além de ter a obrigação de manter a casa em ordem. A sexualidade do casal foi totalmente limitada ao ato de procriar e o prazer sexual era considerado pela igreja como um pecado. Contudo, o homem tinha brechas nessas regras e era muito comum terem amantes, a eles era permitido buscar o prazer sexual fora de casa. Já as mulheres, como tinham seu comportamento moldado pela igreja, se esperava que fossem puras e castas.

Então, o questionamento que a entrevistada faz em relação a esse pensamento serve para criar um conflito entre o discurso feminista X discurso político, com o objetivo de mostrar que não se pode colocar a mulher apenas em uma esfera, pois ela precisa ter outros papéis na sociedade. Assim, ela revela esse posicionamento questionador de que a mulher é mais ampla e deve ir além de cuidar apenas dos filhos, da cozinha e da religião. Esse termo (KKK) esvazia a possibilidade de existir uma mulher que tenha uma dimensão da sexualidade presente em sua vida, haja vista que crianças, cozinha e igreja são dimensões que controlam a sociedade, como visto anteriormente.

Aqui, nós vimos o tipo de discurso que se pretendia organizar a sociedade nos tempos nazistas. No processo de interdiscursividade, esse discurso também entra em um embate com o discurso da sexualidade, haja vista que o discurso que exalta a mulher como alguém que deve focar nas esferas criança, cozinha e igreja é um discurso que, ao pensar na sexualidade feminina, atualiza aquela ideia apresentada no período vitoriano de que a mulher deveria manter uma imagem pura, de alguém que não possui sexualidade. E nós vimos que no discurso feminista, o trajeto das conquistas exigiu um embate contra questões tradicionais daquela sociedade. Esse embate mostra que é correto afirmar que essa questão da sexualidade está presente na organização do que a entrevistada percebe na sociedade, ou seja, a manutenção de uma sociedade moralmente construída que se opõe a sexualidade feminina, e isso se manifesta em várias dimensões, como no discurso da família, no discurso político, no discurso religioso.

#### 7.4 Discurso da Violência

##### Entrevistada 1

**“Pastores jovens e super zelosos farão e dirão qualquer coisa em nome de Jesus, de Deus. E tendem a violar a privacidade da mulher, às vezes chegam a agarrar mesmo, fisicamente. Foi uma experiência pessoal”** (Acra). Nesse primeiro caso, a entrevistada relata que pastores (homens) usam da religião, para forçar situações com mulheres. Embora pareça um discurso religioso, pois eles usam a religião para praticarem esse tipo de abordagem, na realidade é um discurso de violência, pois eles usam de meios considerados lícitos, ou seja, a igreja e a posição como pastor, para praticarem atos de violência. Nesse caso, a violência se valida através do discurso religioso, que como vimos anteriormente, usa de sua posição de discurso regulador para controlar as pessoas. E isso em Acra é muito comum, pois como o documentário nos mostra, a religião ali ainda é muito rigorosa com relação a comportamentos, e as pessoas tendem a seguir esses costumes religiosos. Pelo tom que a entrevistada utiliza na entrevista, notamos um ar de denúncia, reprimindo aqueles agressores. Isso mostra uma revolução, visto que ela não aceita a agressão. Ela se constrói como um sujeito com outra ideologia e usa um discurso de repressão contra essas agressões, indo contra o posicionamento assumido por esses pastores. E o embate ocorre justamente entre esse discurso da violência X discurso feminista, que ela utiliza para reafirmar o reconhecimento da violência sexual que as mulheres sofrem, violência essa que vêm de onde menos se espera, de homens religiosos que aproveitam de sua posição para ganhar a confiança de mulheres, com o objetivo de praticar sua

sexualidade. Levando em consideração que a sexualidade da mulher sempre teve que estar disponível aos homens, a entrevistada promove uma ruptura com o discurso da violência, porque ela enxerga e questiona os abusos cometidos pelos religiosos, causando uma revolução feminina.

## **Entrevistada 2**

A jornalista pergunta sobre o termo *eve teasing* (termo utilizado para fazer referência ao assédio sexual público), para confirmar se seria uma provocação afável ou não. Uma das entrevistadas responde: **“É assédio. O nome certo é assédio. Encostam, se esfregam em você. Pegam nas suas partes”** (Délhi).

## **Entrevistada 3**

**“E mulheres como eu estão constantemente cuidando do relógio: ‘Está escuro, tenho que voltar’. Porque é perigoso voltar para casa no escuro. Nenhum nível de privilégio pode ajudar, porque está na essência de como as escolas ensinam masculinidade, de como pais ensinam meninos a se comportarem”** (Délhi). A entrevistada mostra o receio que têm de andar sozinha a noite e, fica evidente que esse medo é de agressões que possa vir a sofrer. Ela alega que a culpa dos homens agredirem as mulheres está na maneira que eles são ensinados a se comportar desde a infância. Sabemos que esses filhos ensinados por seus pais a se comportarem muitas vezes de maneira inadequada, são sujeitos constituídos através de discursos de outros sujeitos. Logo, podemos ver aqui o exemplo de como um sujeito assume um posicionamento, através do discurso que toma para si. Além disso, no caso analisado, esse sujeito assume comportamentos referentes a esse posicionamento, propagando a violência. Ao colocar a culpa do comportamento negativo dos homens nas escolas e nos pais, a entrevistada faz uma crítica a esse tipo de comportamento, com um discurso revolucionário de quem não concorda com os padrões impostos por esses sujeitos reguladores (escola e família). Assim, ela se constrói como um sujeito que, como mulher do século XXI, é interpelada pela ideologia feminista e esse é um posicionamento possível para assumir. A revolução está justamente no ato de perceber a violência como uma herança deixada pelos próprios pais e ela enxerga que esse tipo de comportamento não pode ser considerado como algo normal. O embate nesse caso, ocorre por meio do discurso da violência X discurso feminista, visto que em sua entrevista, ela se assume como uma mulher que tem uma vida noturna, contudo, teme por sua

segurança ao voltar para casa muito tarde, pois em Délhi, mulheres não podem manter esse tipo de comportamento. Mulheres não devem ser vistas andando tarde da noite na rua, haja vista que isso sugere que por estar na rua a noite e por ser mulher, está apta a receber qualquer tipo de ataque, principalmente agressões sexuais, que é o tipo de violência que ocorre com mais frequência na Índia. Isso acaba oprimindo as mulheres em vários aspectos, inclusive sexualmente falando, pois faz com que tenham medo de andar na rua, sozinhas, a noite, e que o sexo esteja associado a violência. Esse tipo de violência a qual a entrevistada se refere, teoricamente as mulheres podem evitar. Por isso, também afeta a sexualidade feminina.

#### **Entrevistada 4**

A jornalista pergunta a outra mulher do grupo se ela já sofreu assédio no transporte público, e ela respondeu: **“Por isso adotei a moto, a moto me dá a liberdade de pilotar e também me livra do assédio do transporte coletivo. Eu cresci em Délhi e fui educada aqui, sinto que não é um lugar seguro. Não me sinto segura aqui, lamento dizer, mas é a verdade”** (Délhi). Com relação as entrevistadas de número 2 e 4, aplicando o conceito visto anteriormente de sujeito e posicionamento, podemos ver que elas fazem parte de um grupo em que várias outras mulheres deixaram de fazer uso de transporte público, com o objetivo de evitar o assédio sexual que sofriam nesses lugares. Como é um grupo com o mesmo objetivo, entendemos que isso faz com que compartilhem uma mesma rede interdiscursiva, dando luz a um mesmo posicionamento, que é o de não aceitar mais os assédios. O que implica dizer que nesse caso, em Délhi, essa não aceitação da violência é uma revolução criada por mulheres e, chama a atenção pelo fato dessa revolução se encontrar em uma região onde a violência contra as mulheres possui níveis altíssimos. No caso do recorte 4, a entrevistada promove uma revolução quando admite que por ser mulher, não está segura em Délhi e decide dar um basta na violência sofrida nos transportes públicos quando passa a fazer uso da moto para se livrar dessa violência. O embate nos dois casos acontece por meio do discurso da violência X discurso feminista, que como vimos anteriormente, “[...] representa a liberdade e a igualdade, ao contrário do patriarcado, que representa controle, opressão, medo”. No recorte 2, a revolução acontece por meio do reconhecimento de que eve teasing é uma violência explícita que as mulheres sofrem nos transportes públicos. A entrevistada faz parte do mesmo grupo de mulheres que pilotam motos, e por isso é uma revolução, porque ela entende a agressão e não aceita passar por isso. Dito isso, temos uma visão melhor de como esse discurso da violência se embrenha na sociedade, através do patriarcado, com o objetivo de definir lugares para as

mulheres e oprimir aquelas que optam por não aceitar as agressões sofridas pelo fato de serem mulheres.

### 7.5 Discurso Religioso

Com relação ao discurso religioso, podemos observar que todos os recortes foram retirados de entrevistas realizadas na capital de Gana. Com isso, é possível notar o quanto a religião ainda conduz os comportamentos por lá, isso em vários outros sentidos, não apenas os comportamentos ligados à sexualidade.

#### Entrevistada 1

**“Se a mulher for pega tendo um caso, a igreja solicita o divórcio. Mas se o homem for pego, ele tem que se desculpar, se arrepender e o casamento continua”** (Acra). Logo no primeiro recorte, percebemos que a traição em Acra tem dois pesos e duas medidas diferentes para homens e mulheres. Assim como era no início da reforma católica, quando a mulher não tinha o direito de se satisfazer sexualmente e os homens podiam ter amantes e prazeres fora do casamento, a própria igreja em Acra sinaliza que homens podem conseguir o perdão em casos de traição, mas as mulheres não. Isso é mais uma consequência da influência da igreja, que usava de sua autoridade para moldar comportamentos, pregando que as mulheres deviam ser puras. Essa questão da pureza feminina, nos leva ao autocontrole que a mulher deve ter, para não cair em erro e pecado e levar o homem ao erro também. A entrevistada evidencia dois tipos de discursos diferentes para situações iguais. O primeiro discurso, constrói um sujeito (mulher) que não pode cometer determinado erro (trair). Para a mulher, a igreja assume um tipo de posicionamento, conforme o discurso utilizado, o de que ela deve ser fiel ao marido. Em contrapartida, com relação a traição masculina, a igreja assume um outro discurso. O de que o homem deve se arrepender e ser perdoado, para que o casamento continue. Com isso, constrói outro sujeito (homem), que possui direitos diferentes da mulher, por conta de seu instinto sexual. Esse tipo de posicionamento que a igreja assume, incentiva a desigualdade de gêneros, uma vez que coloca a mulher em uma posição inferior ao homem, cria uma rede interdiscursiva que acaba perpetuando discursos preconceituosos com relação às mulheres. A revolução nesse recorte se encontra no ato da entrevistada reconhecer que homens podem trair e mulheres não, o embate se dá entre o próprio discurso religioso X o discurso feminista, pois se a entrevistada

considerasse essa diferença como algo normal, ela não teria colocado em sua fala essa diferença de tratamento que a igreja dá relacionada a traição dos homens e a traição das mulheres.

## **Entrevistada 2**

**“Acho que o Cristianismo prestou um desserviço a nós, nos forçou a não termos pensamento crítico e não conhecer nossas origens. Na nossa tradição e cultura, somos sexuais, mulheres são poderosas e sexuais”** (Acra). Passando para o segundo recorte, novamente a influência da religião oprime a mulher, ao definir seu papel restrito e submisso em relação ao homem. Quando a entrevistada afirma que o Cristianismo forçou as mulheres a não terem pensamento crítico, retomamos o que já falamos anteriormente. De acordo com Foucault, não houve uma repressão ao sexo, mas sim, colocou-se a produção de seu discurso primeiramente sob responsabilidade da igreja, que fazia uso das confissões religiosas para controlar as pessoas. Daí podemos entender o lugar discursivo que a religião ocupa e de onde surgiu esse poder que a igreja tem, embora hoje em dia reduzido, mas que em Acra, conduz como as pessoas devem se comportar, principalmente as mulheres. A afirmação da entrevistada sugere uma quebra de padrões impostos pelo Cristianismo, visto que ela usa um discurso que vai contra os preceitos da igreja e assume um outro discurso, o de que se não fosse pela intervenção do Cristianismo, as mulheres em Acra poderiam começar a ser mulheres poderosas e sexuais. E a revolução se encontra nesse reconhecimento que ela faz de que o Cristianismo influenciou negativamente a vida das pessoas, principalmente das mulheres. O embate se dá através do discurso religioso X discurso feminista, que como vimos anteriormente, compreende que o patriarcado “[...] por sua natureza repressiva, tem a capacidade de influenciar na produção de discursos. Esse poder usa de meios lícitos para conduzir comportamentos, ou seja, se encontra em discursos legitimados, com o objetivo de impor ideias tradicionalistas próprias do patriarcado”. Logo, entendemos que esse lugar legitimado onde o patriarcado se constitui, no caso analisado, é a igreja, que é a grande responsável por esse esvaziamento sexual das mulheres.

## **Entrevistada 3**

**“Teve um período da história em que disseram que sexo não era para nós. Sensualidade, sexualidade, não servem às mulheres”** (Acra). Ao ler a fala do terceiro recorte, remontamos diretamente ao fato de que a igreja, por meio de sua posição reguladora, conduzia

as pessoas a agirem de acordo com seus preceitos. O fato de durante muito tempo não se associar a sexualidade às mulheres, vem de uma época em que o espaço para elas era exclusivamente o privado. Para elas, muitos outros direitos foram negados por muito tempo e até hoje, em alguns países, a questão da sexualidade feminina ainda é um tabu. Isso criou uma rede interdiscursiva que por meio de outras esferas como medicina e política, influenciou na vida das pessoas e ditou comportamentos. Para a análise, recorreremos ao período em que o Concílio de Trento entrou em vigor e, por meio da reforma no catolicismo, começou a influenciar a vida íntima dos casais, através da religião. Naquela época, era a igreja que guiava os comportamentos sexuais dos casais. O que se via, eram casais incentivados a manterem relações sexuais apenas para a procriação, o que fugisse disso, era considerado como ato pecaminoso. Contudo, essas regras tinham algumas exceções. Os homens tinham liberdade para terem amantes, com isso, entendemos que eles podiam ter prazer e satisfação sexual, mas apenas fora do casamento. Já as mulheres, tradicionalmente tinham a função de cuidar da casa, dos filhos e do marido. Não se falava na satisfação sexual que elas também tinham direito, tanto quanto os homens tinham. A revolução nesse caso se encontra no embate do discurso feminista X o discurso religioso, que a entrevistada assume quando admite que em outros tempos, sexo não era para as mulheres. Essa condição imposta às mulheres fica evidente no discurso feminista que vimos anteriormente, que indica que o patriarcado utiliza o poder para impor sua vontade, e para isso, usou lugares já legitimados, como a igreja, para impor suas regras.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso trabalho, pudemos ver que uma maior liberdade da sexualidade feminina requer mudanças tanto no gênero feminino, como no gênero masculino. E o feminismo defende justamente essa liberdade que as mulheres também devem ter para poderem praticar sua sexualidade, de maneira que possam sentir prazer nessas relações, contudo, deixando de lado tabus que foram sendo arraigados na sociedade durante anos. Vimos também que a definição de gênero permitiu que se formassem várias diferenças entre características imputadas a homens e mulheres, bem como definições de comportamentos resultantes desses valores. Assim, pudemos perceber melhor o quanto esses valores e regras interferiram na sociedade, principalmente entre as mulheres, que por muito tempo, tiveram que ir em busca de direitos fundamentais que os homens já possuíam.

Graças ao feminismo, foi aberto às mulheres um maior espaço para que fosse possível que elas vivenciassem a sexualidade em sua forma mais plena, sem as amarras impostas pela divisão de gêneros. E nessas mudanças, também podemos incluir as próprias conquistas femininas, como o direito à educação, direito ao aborto, o próprio acesso a métodos anticoncepcionais, uma maior igualdade tanto social como econômica também e o acesso a profissões que antes eram praticadas exclusivamente por homens.

Porém, como foi visto em alguns recortes que analisamos em nosso corpus, falar sobre a sexualidade feminina ainda é um tabu, talvez pela falta de espaços para essa finalidade, mulheres muitas vezes acabam entendendo seu espaço como um lugar restrito, além de pensar que sexualidade não deve fazer parte de suas vidas. Por esse motivo, é necessário que se construam políticas relacionadas à sexualidade feminina, com a finalidade de permitir às mulheres possibilidade de conhecerem melhor seus corpos, a prática mais livre da sexualidade, além de colaborar para um aumento na autoestima e também na autonomia sobre seus corpos. Essa maior autonomia pode auxiliar com uma ruptura desse sentimento de incapacidade que muitas mulheres tem, ajudando-as a serem menos vulneráveis.

Especificamente, foi possível observar dentro do processo de análise, embates no discurso da família, discurso feminista, discurso da violência, discurso religioso e no discurso machista. Esses embates nos ajudaram a perceber como a mulher foi construída na sociedade, e o lugar que ela ocupa, levando em consideração que historicamente falando, as mulheres não tem a mesma posição social que o homem. O patriarcado constitui e definiu lugares, colocando a mulher sempre em desvantagem ao homem. Assim, esses embates encontrados nos recortes de entrevistas analisados, nos leva a entender que existe uma revolução acontecendo, uma vez

que as mulheres entrevistadas entendem seu lugar e vão de encontro com as ideias que o patriarcado introduziu na sociedade.

A sexualidade feminina, em muitos lugares, ainda é uma questão complicada, pois sabemos que foi constituída em cima de relações de poder, e isso ficou bem claro ao discorrermos anteriormente sobre a era vitoriana. Ainda hoje, essas relações ditam comportamentos de casais, de homens e mulheres solteiras. Em nosso trabalho, procuramos mostrar como esse sistema foi falho com as mulheres, e a importância que o feminismo teve/tem na retirada da mulher desses lugares predefinidos, impostos com o objetivo de controlar e manter a mulher em relação de submissão ao homem.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Unicamp, 2004. p. 83.
- CANO, M. R. de O. **A manifestação dos estados de violência no discurso jornalístico**. São Paulo, SP: PUC, 2012. p. 6-60.
- FILOSÓFICO Café; **Sexualidade - História de repressão e mudanças | Mary del Priore**. Dirigido por Marta Maia. São Paulo: TV Cultura, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fnw7yB7tYkU>>. Acesso em: 23 jul. 2020.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: P. & Terra, 2018. 175 p.
- MACHADO, A. **Amor e sexo: um tabu aqui e ao redor do mundo**. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@anibiamachado/amor-e-sexo-um-tabu-aqui-e-ao-redor-do-mundo-ced8f01c09bd>>. Acesso em: 24 jul. 2020.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. S. Possenti. São Paulo, SP: Parábola, 2008. p. 33-48.
- PEDRO, C. B.; GUEDES, O. de S. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres**. In: SIMPÓSIO SOBRE ESTUDOS DE GÊNEROS E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1., 2010, Londrina. **Anais...** Londrina.
- PIMENTA, P. F. **“Lugar de mulher é na reitoria”**: análise discursivo-crítica das formações identitárias e das relações de poder de mulheres do alto escalão nas IFES mineiras. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2019. p. 27-64; p. 176.
- RAMINELLI, R. Eva Tupinambá. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 11-44.
- SILVA, L. S. da. **A mulher na política**: representação, gênero e violência no discurso jornalístico. São Paulo, SP: PUC, 2013. p. 5-19.
- SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 304-333.
- TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 401-442.